

**PADRÕES FUNCIONAIS DOS PRONOMES LOCATIVOS EM TEXTOS
OPINATIVOS DO SÉCULO XVIII AO XX**

MONIQUE PETIN KALE DOS SANTOS

UFF/ 2013

**PADRÕES FUNCIONAIS DOS PRONOMES LOCATIVOS EM TEXTOS
OPINATIVOS DO SÉCULO XVIII AO XX**

por

MONIQUE PETIN KALE DOS SANTOS

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre. Área de concentração: Estudos de Linguagem. Subárea: Linguística.

Orientadora: Professora Doutora Mariangela Rios de Oliveira

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Niterói
2013**

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

S237 Santos, Monique Petin Kale dos.
Padrões funcionais dos pronomes locativos em textos opinativos dos séculos XVIII ao XX / Monique Petin Kale dos Santos. – 2013.
65 f.
Orientador: Mariangela Rios de Oliveira.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2013.
Bibliografia: f. 59-65.

1. Língua portuguesa - Pronome. 2. Funcionalismo (Linguística).
3. Ordenação. 4. Gramática. I. Oliveira, Mariangela Rios de.
II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Letras. III. Título.

CDD 469.5

EXAME DE DISSERTAÇÃO

PETIN KALE DOS SANTOS, Monique. Padrões funcionais dos pronomes locativos em textos opinativos do século XVIII ao XX. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFF. Dissertação de Mestrado em Estudos de Linguagem. 2013. 65 páginas.

BANCA EXAMINADORA

**Professora Doutora Mariangela Rios de Oliveira
(Orientadora)
UFF**

**Professor Doutora Vanda Maria Cardozo de Menezes
UFF**

**Professora Doutora Victoria Wilson
UERJ**

**Professora Doutora Karen Braga Sampaio Alonso
UFRJ
(Suplente)**

**Professor Doutor Ivo da Costa do Rosário
UFF
(Suplente)**

Examinada a Dissertação.

Conceito:

Em: / /

A meus avós, Pierre e Maria Luiza (*in memoriam*), pelo amor e carinho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu força ao longo da minha vida.

Aos meus avós, Pierre e Maria Luiza (*in memoriam*), pelo amor incondicional e pelo grande exemplo de vida.

Aos meus pais, Karin e Glauco, e a minha avó, Ilma, pelo amor e carinho. Mãe, você é o meu esteio, meu porto seguro. Obrigada por me ensinar a ter disciplina e responsabilidade. Pai, te amo! Ilma, obrigada pelo amor e pelas palavras de sabedoria. Minha vida não teria razão sem vocês.

A meu “amor meuzinho”, Leonardo, pelo amor e carinho. Obrigada por estar presente em todos os momentos. *Geliebter, ich liebe dich!*

Agradeço aos meus amigos queridos, Thiago Valadares, Rodrigo Barcellos, Ana Paula Chrysostomo, Alex Barbosa da Silva, Leticia Brandão e a todos os membros da turma de alemão (2005). Obrigada por mostrarem o valor da verdadeira amizade.

Aos membros do grupo D&G, companheiros nessa longa jornada.

As minhas fiéis amigas de mestrado, Bianca Bartira, Caroline Soares e Cintia Kütter pelo aprendizado, apoio e carinho. Bianca, obrigada por sempre estar pronta para ajudar, pela disponibilidade, pela amizade sincera e pelas risadas.

Aos meus queridos professores, Rüdiger Hoffmann, Monica Savedra, Karen Sampaio, Cláudia Roncarati (*in memoriam*) e Elisa Ramalho Ortigão, pelo aprendizado, afeto e atenção. Agradeço por cada aula dada e por cada explicação. Sem os senhores, eu não teria o conhecimento para chegar até aqui.

Às professoras, Vanda Cardozo e Karen Sampaio, pelos direcionamentos e conselhos na pesquisa. Muitíssimo obrigada!

Aos funcionários da coordenação do programa de Letras, Aparecida, Oliveira, Nelma, Yousra e Isabel, pela atenção, pelo carinho e pela prontidão em todos os pedidos.

A minha segunda família, D.Isa e Ingrid, pelo carinho e afeto.

A minha querida orientadora, Mariangela, sem a qual eu não conseguiria atravessar essa longa trajetória. Agradeço por todos os conselhos, pela enorme contribuição acadêmica, pelo carinho, atenção e generosidade em compartilhar seus pensamentos que tanto contribuíram para o meu aprendizado e formação. Professora, palavras não suficientes para expressar minha gratidão. É simplesmente uma honra ser sua aluna e orientanda.

A minha família e aos meus amigos, por simplesmente participarem da minha vida.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro.

“Pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos-sou eu que escrevo o que estou escrevendo. Deus é o mundo. A verdade é sempre um contato interior e inexplicável. A minha vida a mais verdadeira é irreconhecível, extremamente interior e não tem uma só palavra que a signifique”.

(A hora da estrela: Clarice Lispector)

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 11 |
| 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 14 |
| 2.1. Linguística funcional centrada no uso | 14 |
| 3. O OBJETO DE ESTUDO | 21 |
| 4. METODOLOGIA | 24 |
| 4.1. Caracterização dos <i>corpora</i> | 24 |
| 4.2. Descrição dos <i>corpora</i> | 27 |
| 4.3. Procedimentos de análise | 28 |
| 5. FATORES EM ANÁLISE | 34 |
| 5.1. Sintáticos..... | 34 |
| 5.2. Semânticos | 40 |
| 5.3. Fóricos | 44 |
| 5.4. Cognitivos | 48 |
| 6. AS EXPRESSÕES “DAQUI VEM” E SUAS CORRELATAS | 52 |
| 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 57 |
| 8. BIBLIOGRAFIA | 59 |

ÍNDICE DE QUADROS

| | |
|---|-----------|
| QUADRO 1. POSIÇÕES DOS ADVÉRBIOS NA ORAÇÃO | 29 |
|---|-----------|

ÍNDICE DE TABELAS

| | |
|--|-----------|
| TABELA 1. ORDENAÇÃO DOS LOCATIVOS NOS <i>CORPORA</i>..... | 35 |
| TABELA 2. REFERENCIAÇÃO DOS LOCATIVOS NOS <i>CORPORA</i>..... | 41 |
| TABELA 3. FORICIDADE DOS LOCATIVOS NOS <i>CORPORA</i>..... | 45 |
| TABELA 4. <i>FRAME</i> DOS LOCATIVOS NOS <i>CORPORA</i>..... | 49 |

RESUMO

Sob o enfoque do funcionalismo linguístico, nos termos de Givón (2001), Bybee (2003), Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta (2003) e Traugott e Dasher (2005), propomos a análise dos padrões de uso dos pronomes locativos *aí, aqui, ali, lá, cá*, bem como dos seus aglutinados *daqui, dali e daí*. A definição dos locativos como objeto de estudo se deve à alta frequência com que são usados em relação aos demais membros da classe adverbial, conforme propõe Givón (2001). Nossos *corpora* constituem-se em textos de cunhos opinativos produzidos no Brasil e em Portugal entre o século XVIII e o século XX. A fim de uma maior exatidão na interpretação e comparação dos dados, selecionamos em cada sincronia duas obras críticas, a saber: do século XVIII, *Reflexão sobre as Vaidades dos homens*, de Matias Aires e *Verdadeiro Método de Estudar*, de Luis António Verney; do século XIX, *Segundo livro de crítica: arte e litteratura portugueza d'hoje : (livros, quadros e palcos)*, de Luciano Cordeiro e *Críticas*, de Machado de Assis; do século XX, *Formação da Literatura Brasileira (Momentos decisivos) 1º. Volume (1750-1836)*, de Antônio Candido e *Nós e a Europa: ou as duas razões*, de Eduardo Lourenço. Desse modo, observamos nos materiais analisados: 1) aspectos de mudança e variação ocorridos nesta época; 2) a ordem dos pronomes adverbiais locativos em relação ao verbo da sentença; 3) a polissemia que caracteriza seus usos; 4) e o processo de gramaticalização sofrido pelos locativos. Através dos resultados obtidos, confirmamos algumas de nossas hipóteses, a saber: 1) as posições pré-verbais revelam-se mais frequentes no século XVIII e as pós-verbais tornam-se mais recorrentes a partir do século XIX; 2) a posição contígua à direita do verbo é considerada a ordenação não-marcada do português atual (Martelotta, 2006); 3) quanto à referenciação dos pronomes locativos, estes tendem à articulação de sentido abstrato textual; 4) em relação à foricidade, grande maioria encontra-se em sentenças anafóricas; 5) o *frame* não-espacial mostrou-se mais recorrente em virtude das características do gênero opinativo.

Palavras - chave: pronomes locativos, funcionalismo, texto opinativo, ordenação, gramaticalização.

ABSTRACT

Under the focus of the linguistic functionalism, according to Givón (2001), Bybee (2003), Furtado da Cunha, Oliveira and Martelotta (2003) and Traugott and Dasher (2005), we propose the analysis of usage patterns of locative pronouns *aí*, *aqui*, *ali*, *lá*, *cá*, as well as its agglutinated *daqui*, *dali* e *daí*. The definition of locative as object of investigation is due to the high frequency that they are used in relation to other members of the adverbial class, as proposed by Givón (2001). Our *corpora* consist in opinionated texts produced in Brazil and Portugal between the eighteenth and twentieth century. In order to greater accuracy in the interpretation and comparison of data, we selected two literary works in each synchronism, namely: from the eighteenth century, *Reflexão sobre as Vaidades dos homens*, from Matias Aires and *Verdadeiro Método de Estudar*, from Luis António Verney; from the nineteenth century, *Segundo livro de crítica: arte e litteratura portugueza d'hoje : (livros, quadros e palcos)*, from Luciano Cordeiro and *Críticas*, from Machado de Assis; from twentieth century, *Formação da Literatura Brasileira (Momentos decisivos) 1º. Volume (1750-1836)*, from Antônio Candido and *Nós e a Europa: ou as duas razões*, from Eduardo Lourenço. Thus, we observe in the materials analyzed: 1) aspects of change and variation that occurred at that time; 2) the order of the locative adverbial pronouns in relation to the verb of the sentence; 3) the polysemy that characterizes their usage; 4) and the process of grammaticalization experienced by locatives. Through our research, we have confirmed some of our hypothesis, namely: 1) pre-verbal positions were more frequent on the eighteenth century and the post verbal on the nineteenth century; 2) the position adjacent to the right of the verb is considered the unmarked ordering the Portuguese current (Martelotta, 2006); 3) regarding the reference, the pronouns tend to be articulated in textual abstract sense; 4) anaphoric sentences are more frequent; 5) the frame non-spacial was more applicant by virtue of the characteristics of the genre opinionated.

Keywords: locative pronouns, functionalism, opinionated text , ordering, grammaticalization.

1. INTRODUÇÃO

A compreensão da linguagem como um fenômeno essencialmente adaptativo ao contexto de uso é tema recorrente nas pesquisas funcionalistas. A partir dessa perspectiva, a linguagem é vista sob prisma interacional, incorporando as intenções comunicativas dos interlocutores, visto que é um objeto sujeito a pressões de uso, relativa ao contexto pragmático-discursivo.

Com base nesse pressuposto, esta pesquisa visa à análise interpretativa do uso de pronomes adverbiais locativos e seus aglutinados em textos escritos tanto no Brasil quanto em Portugal. Nosso principal objetivo refere-se à verificação, interpretação e descrição das trajetórias de polissemia e de gramaticalização dos locativos a partir do ambiente sintático de sua ocorrência. Ademais, com o aparecimento dos locativos em expressões verbais mais fixas, propomos uma pequena análise das mesmas a fim de examinarmos os locativos numa perspectiva de maior integração com outros constituintes. Esse trabalho faz parte da pesquisa *Ordenação de Advérbios Locativos no Português Escrito: séculos XIX e XIX*, organizada e desenvolvida pelo Grupo Discurso & Gramática – Universidade Federal Fluminense (OLIVEIRA 2008, 2010; BARCELLOS, 2011; VALADARES, 2011), apoiada pelo CNPq/ PIBIC (UFF) e desenvolvida a partir da Iniciação Científica, na qual se investigam e analisam os aspectos de continuidade, variabilidade e mudança no uso dos elementos já referidos nos séculos XVIII e XIX.

Nosso projeto fundamenta-se nos pressupostos do funcionalismo norte-americano (Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta, 2003), principalmente no estudo da gramaticalização – “processo unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais” (Furtado da Cunha, 2008: 173) -; no estudo dos mecanismos de extensão metafórica e metonímica (Traugott e Dasher, 2005); nos subprincípios de *camadas e divergência* (Hopper, 1991); e nos estudos de Givón (2001), no que tange à *iconicidade e marcação*.

Buscamos investigar de maneira quantitativa e qualitativa os pronomes locativos **aqui**, **aí**, **cá**, **lá** e **ali**, bem como seus aglutinados **daqui**, **dali** e **daí**, em textos opinativos de língua portuguesa do século XVIII ao século XX. O interesse de

investigação desses objetos deve-se à alta frequência com que são encontrados em relação aos demais membros das classes adverbiais. Consideramos, também, o estudo feito por Martelotta (2006), em que observamos a mudança na tendência de ordenação dos advérbios do latim ao português atual, que passa de ordenação mais livre para, a partir do século XIX, fixar-se de modo mais específico em posição pós-verbal. Ademais, levamos em conta o estudo feito por Braga e Paiva (2003) sobre a trajetória do advérbio **aí** ao clítico.

Nossa pesquisa parte das seguintes hipóteses: a) Estamos nos baseando, em nossa análise, na proposta de Martelotta (2006), segundo a qual, nos séculos estudados, ocorre mudança da ordenação dos locativos, visto que, no começo do século XVIII, os pronomes locativos tendiam à posição pré-verbal, diferentemente do que ocorre no português contemporâneo; b) De acordo com as sincronias analisadas, defendemos que, devido aos aspectos pragmático-discursivo e estrutural, os locativos tendem à posição pré-verbal no século XVIII; enquanto, nas sincronias posteriores, a maioria desses itens se localiza posteriormente ao verbo; c) Os padrões de ordenação dos locativos caracterizam-se por aspectos semântico-gramaticais específicos, relacionados também ao gênero opinativo; d) Devido às características do gênero opinativo, assumimos que essa circunstância influencia o uso dos locativos com sentidos menos prototípicos, gerando, assim, o processo de gramaticalização, segundo Martelotta (1994), pela perda da noção espacial dêitica e pelo distanciamento físico em relação ao falante.

Dessa forma, apresentamos nossos objetivos correlacionados, pareados e desenvolvidos a partir das hipóteses acima: a) Verificar a mudança de ordenação do pronome locativo em relação ao verbo e, caso haja, conferir se a mudança ocorrida a partir do século XVIII se manteve nos séculos XIX e XX; b) Determinar as posições mais utilizadas dos pronomes locativos em cada século e analisar os motivos pelos quais esses usos ocorreram. Essa análise levará em consideração os aspectos estruturais, como a posição dos elementos argumentais em relação ao verbo, e aspectos pragmático-discursivos, associados à tipologia textual em elaboração, ao gênero discursivo e aos processos de gramaticalização; c) Observar a existência de diferentes padrões de ordenação dos locativos no gênero opinativo e determinar se o gênero textual e seus aspectos discursivos são responsáveis por essa provável mudança; d) Relacionar a polissemia dos pronomes locativos analisados e as posições características de cada função que compõe essa polissemia.

Utilizamos como fonte de pesquisa textos de cunho opinativo, que são organizados, basicamente, em sequências expositivas e dissertativas. A partir dos *corpora* estudados, analisamos os pronomes locativos numa perspectiva qualitativa e quantitativa, buscando levantar e interpretar as trajetórias de polissemia e gramaticalização dos advérbios através dos pressupostos teóricos funcionalistas, relacionando os resultados encontrados com as hipóteses e objetivos aqui apresentados.

O texto encontra-se assim distribuído. No primeiro capítulo, apontamos a fundamentação teórica do nosso trabalho. No segundo capítulo, apresentamos a perspectiva teórica funcionalista que norteia a análise dos locativos **aqui**, **aí**, **ali**, **cá** e **ali**, bem como seus aglutinados **daqui**, **dali**, **daí**. No terceiro capítulo, explicitamos a complexidade de descrição dos advérbios, uma vez que essa classe engloba elementos de naturezas diversas e, a partir de uma teoria centrada no uso, elaboramos a descrição dessa classe, levando em consideração as noções de gradualidade e de *continuum*. Por sua vez, no quarto, apresentamos não somente a caracterização e descrição dos *corpora*, mas também os fatores envolvidos na análise desses elementos. No quinto capítulo, trazemos os resultados obtidos a partir do levantamento exaustivo dos locativos nos materiais estudados. No sexto capítulo, tecemos comentários acerca de alguns locativos encontrados em locuções verbais mais fixas na língua. No sétimo capítulo, por fim, fazemos nossas considerações finais, a partir dos resultados obtidos com a presente pesquisa.

Dessa maneira, pretendemos expandir os estudos sobre pronomes locativos, interpretando as motivações funcionais relacionadas a seus usos, isto é, suas motivações discursivo-pragmáticas. Registramos, também, a correlação entre gramaticalização e gênero textual, e esperamos que essa pesquisa possa contribuir para o maior conhecimento das motivações funcionais envolvidas no uso dos pronomes locativos na Língua Portuguesa, incluindo a relação entre a dimensão gramatical e a discursiva.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Conforme o aparato teórico assumido em nossa pesquisa, este capítulo dedica-se à linguística funcional centrada no uso e alguns princípios básicos de grande relevância para o desenvolvimento do nosso projeto, com base nos estudos feitos por: Bybee (2001), Croft (2001), Goldberg (1996), entre outros.

2.1. LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

A teoria funcionalista compreende a linguagem como um meio de interação social, analisando, assim, a relação entre linguagem e sociedade. Como essa relação é sempre dinâmica e instável, a interação verbal somente poderá ser compreendida quando considerada no seu funcionamento nos contextos específicos de uso. Segundo Gívon (1995), como a linguagem serve para vários propósitos, principalmente para efetuar a comunicação, a língua não pode ser postulada como um sistema autônomo, uma vez que a gramática da língua não pode ser compreendida sem parâmetros como comunicação, interação social e cultura. Em outras palavras, na gramática funcional, a língua é utilizada de acordo com as metas e intenções dos falantes e, a partir dessas metas, emerge a ação ou a realização discursiva.

Portanto, a preocupação se concentra nas línguas e nos modos específicos de expressão nas interações cotidianas. Por sua vez, conforme afirma Martelotta (2012: 32), a noção de linguística centrada no uso¹, conforme proposto pelo autor, engloba os contextos reais de comunicação, incorporando, em seus dados, os efeitos da variação e da mudança, que se tornam consequência direta da adaptação do uso da linguagem a um contexto específico.

Dessa maneira, a análise funcionalista defende que “[...] a língua não é um mapeamento arbitrário de idéias para enunciados: razões estritamente humanas de importância e complexidade refletem-se nos traços estruturais das línguas” (CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003: 34). Diante de tal afirmação, ratificamos a iconicidade como

¹ Esse termo advém da tradução, em inglês, da expressão *usage-based model* que foi aplicado inicialmente por Langacker (1987) a fim de designar modelos teóricos que privilegiam o uso da língua. Certos autores aplicam esse termo para apontar análises linguísticas que utilizam a junção das tradições elaboradas nas perspectivas Funcional e Cognitiva.

um dos princípios centrais do funcionalismo, uma vez que consiste numa relação motivada entre cognição e gramática, em que a estrutura da língua reflete a estrutura da experiência e, segundo Croft (1990), transforma-se na perspectiva proposta sobre o mundo pelo falante. Em suma, a iconicidade estabelece-se pela união natural, motivada e isomórfica entre função (significado) e forma (código linguístico) e se desdobra em três subprincípios, a saber:

a) subprincípio da quantidade: quanto maior a quantidade de informação, maior o conceito que ela expressa;

b) subprincípio da integração: quanto mais próximo os conteúdos estão de maneira cognitiva, mais próximos estão sintaticamente;

c) subprincípio da relação entre ordem sequencial e topicalidade: relação entre a informação transmitida na oração e sua localização sintática.

Ademais, nos estudos funcionalistas, trabalhamos com o princípio de *marcação*, que se baseia no contraste entre dois elementos de uma mesma categoria linguística. A partir dessa oposição, um torna-se marcado quando exhibe certa propriedade ausente no outro membro, determinado como não-marcado. De acordo com Cunha (2001:04), as três distinções entre categorias marcadas e não-marcadas são:

a) complexidade estrutural: o item marcado tende a ser mais complexo do que o item não-marcado correspondente;

b) distribuição da frequência: a estrutura marcada tende a ser menos frequente do que a estrutura não-marcada correspondente;

c) complexidade cognitiva: geralmente, a estrutura marcada tende a ser cognitivamente mais complexa do que a estrutura não-marcada correspondente.

Outro princípio central do funcionalismo consiste no princípio da gramaticalização. Esse processo se caracteriza por ser unidirecional e contínuo, no qual formas lexicais ou construções sintáticas designam funções gramaticais e, uma vez gramaticalizadas, passam a determinar novas funções mais gramaticais. Assim, ao final desse processo, o elemento gramaticalizado torna-se mais regular e previsível, uma vez que seu uso abandona o nível da criatividade e se fixa nas restrições gramaticais. Sobre o processo de gramaticalização, Votre (1999, *apud* GONÇALVES, 1999:24) afirma que:

“Processo de regularização que se verifica num fenômeno qualquer, à medida que a generalização progressiva do uso vai fazendo com que ele passe do nível do discurso, em que há ampla liberdade de variação, para o nível da

gramática, em que se regulariza e em que diminui ou cessa a liberdade de variação. O conceito aplica-se também aos itens já presentes na gramática, que evoluem para uma conformação ainda mais gramatical, se admitimos que os itens da gramática não são entidades discretas, e sim pólos de um contínuo, em certas classes de itens estão mais próximas do léxico, enquanto outras ocupam diferentes posições do *continuum* da gramática. Assim, o advérbio é mais gramatical do que o adjetivo”.

Os elementos que são gramaticalizados ocorrem de maneira frequente na língua, tornando-se mais fixos e regulares, perdendo suas características prototípicas. Ademais, o processo de gramaticalização não ocorre de forma inesperada, mas focada na gradualidade e na motivação de fatores sociais. Segundo Brinton e Traugott (2006), a gradiência funciona como um fator motivador para a mudança e, também, como resultado das mudanças no uso. Heine e Reh (1984 *apud*, HEINE *et alli*) declaram que quanto mais gramaticalizado um item se torna:

- a) reduz em carga semântica e valor expressivo;
- b) reduz em significação pragmática e ganha em significação sintática;
- c) reduz em número de itens o paradigma morfossintático;
- d) torna-se mais fixa a posição dentro da oração sintática;
- e) tornam seu uso mais obrigatório em certos contextos e mais agramatical em outros;
- f) ocorre maior fusão semântica, morfossintática e fonética com outras unidades;
- g) ocorre maior erosão fonética.

Assim, a partir dos postulados aqui apresentados, ilustramos no fragmento (1) o estágio final do processo de gramaticalização sofrido pelo locativo, que passa a atuar como conector:

(1) “ *Sobretudo nos países novos e nos que adquiriram ou tentaram adquirir independência, o nacionalismo foi manifestação da vida, exaltação afetiva, tomada de consciência, afirmação do próprio contra o impôsto. Daí a soberania do tema local e sua decisiva importância em tais países, entre os quais nos enquadramos.*” (p.15/ *Formação da Literatura Brasileira*).

Em (1), o locativo **daí** funciona como sequenciador textual, uma vez que retoma uma informação prévia e introduz um novo assunto. Para o locativo funcionar como conjunção no discurso, esse elemento passou a ocorrer de maneira mais frequente, começando a atuar de forma mais regular e fixa. Apesar de perder em conteúdo

semântico, o locativo ganha em termos de funcionalidade gramatical, cumprindo papel de conector.

Dessa maneira, conforme afirma Hopper (1991), a gramática da língua é emergente e variável, uma vez que surgem novos usos e funções para formas já criadas. E, nesse processo de mudança, uma forma pode assumir novas funções da linguagem, apontando novos estágios de mudança. Entre os princípios atinentes à fase inicial da mudança, o referido autor aponta dois que especialmente nos interessam: *camadas* (estratificação ou *layering*) e *divergência*. O primeiro princípio remete às formas funcionais novas que coexistem com outras já disponíveis na língua, gerando variabilidade. Contudo, a existência dessas formas não implica a eliminação das antigas, que passam a competir pelo uso num mesmo domínio funcional. Por sua vez, o segundo princípio refere-se à manutenção do item lexical que originou o processo de gramaticalização, com o sentido fonte, fazendo com que a mesma forma atue com mais de uma funcionalidade, motivando polissemia. A partir desses comentários acima, seguem os excertos (2) e (3), que exemplificam o primeiro princípio.

(2) *“A vaidade, que também interiormente acusa, assim como aumenta as forças, donde vê alguma ocasião de brio, também as debilita, donde encontra uma aparência de desdouro: no crime o ânimo se abate, menos pelo medo do castigo, que pela qualidade dele; **daqui vem** que há mais resolução no delito, que não irroga infâmia; e de tal sorte que o delinquente às vezes declara por vaidade a culpa; a mesma vaidade lhe serve de tormento, e o obriga a confessar.”*(Reflexão sobre a vaidade dos homens,p.49).

(3) *“A vaidade é engenhosa em glorificar tudo o que vem de nós, e em reprovar tudo o que vem dos outros: nas produções do engenho há uma espécie de criação; **daqui procede** que ninguém se desdiz sem repugnância, porque a natureza é inflexível no intento de conservar aquilo que produz, (...).”* (Reflexão sobre a vaidade dos homens p.113).

Nos trechos (2) e (3), constatamos o uso das unidades pré-fabricadas **daqui vem** e **daqui procede**, doravante, UPF. De acordo Erman e Warren (2000), a UPF define-se como uma regularização de sequências de palavras, cujo vínculo sintático-semântico a torna um todo indecomponível em termos de conteúdo e forma. Segundo Oliveira (2012:102), define-se unidade pré-fabricada como um todo de forma e de sentido, de tal modo que seus constituintes não podem ser intercambiáveis ou sofrer

inserção de outros termos. A partir dessa explicação, a definição de UPF se assemelha ao sentido de construção definido por Goldberg (1995). No caso de (2) e (3), **daqui vem** e **daqui procede** atuam na expressão de sentido conectivo e coesivo, em registros mais formais nas sincronias antigas da língua portuguesa.

Dessa forma, a partir dos exemplos (2) e (3) e das explicações destacadas, as UPFS encontradas nos *corpora* articulam sentido correspondente, sendo este voltado para a conexão de valor conclusivo entre as orações do texto. Detectamos, assim, relação lógica e anafórica, encadeando porção anterior do discurso com posterior. Ademais, por essas unidades aparecerem no mesmo século e na mesma obra literária, ratificamos também o princípio de *camadas*, uma vez que essas expressões competem entre si no uso de uma função específica.

Por sua vez, ilustramos o princípio da *divergência* nos exemplos (4) e (5), em que o locativo **daí** assume sentidos e funções distintas. Assim, a partir de acepções diversas, observamos a polissemia desse elemento:

(4) “*Mefistófeles, voltairiano, e setecentista, sabe que ela é o único recurso do homem, mas Fausto sente que êste só funciona realmente ao compasso dos profundos ritmos vitais. Daí uma dialética da vida e do pensamento, que o neoclassicismo atenuou ao postular a equivalência dos dois termos.*” (*Formação da Literatura Brasileira*, p.32)

(5) “*Os primeiros românticos principiam a sua atividade na revista Niterói (1836), consolidam com a Minerva Brasiliense (1843-1844), despedem-se na Guanabara (1849-1855). Daí por diante continuam a produzir, mas perdem terreno como grupo.*” (*Formação da Literatura Brasileira*, p.47).

Em (4) o locativo **daí** estabelece relação conectiva entre as orações, porém no trecho (5), uma nova interpretação surge, com base na articulação de sentido temporal. Dessa forma, verificamos que, a partir dos exemplos (4) e (5), o aglutinado **daí** apresenta diferentes sentidos em contextos específicos.

Em relação aos termos *metáfora* e *metonímia*, conforme Traugott e Dasher (2005) afirmam, esses processos atuam na transferência de sentido entre domínios cognitivos singulares e na proximidade existente entre determinados sentidos. O processo metafórico compreende a abstratização dos significados, ou seja, um processo de transferência do domínio de conhecimento, partindo de uma trajetória de sentido unilateral concreto para o abstrato. Por sua vez, como afirmam Taylor (1989) e Heine *et al.* (1991:184), a metonímia designa-se por “uma figura de linguagem por meio da qual

o nome de uma entidade é usada para outra entidade de algum modo contígua à primeira”. Em suma, a metáfora implica a transferência de domínios, seja por analogia ou similaridade, e a metonímia determina uma reinterpretação ou reanálise do elemento modificado.

No âmbito da abordagem funcionalista, registramos a recorrência dos locativos a partir de dois tipos distintos de frequência, a saber: *token* e *type* (BYBEE, 2003). Conforme afirma Bybee, a frequência *token* ou textual determina o número de ocorrências de uma unidade, independentemente do significado que veicula. Entretanto, a segunda frequência se refere à quantidade de ocorrência de uma unidade no texto, ou seja, a frequência de um item específico em um determinado contexto. Sob essa ótica, obtemos resultados mais relevantes acerca dos objetos de estudo, uma vez que a análise dos dados não ocorre somente de maneira quantitativa, mas também qualitativa. Como exemplo, temos as expressões, **daqui vem** e **daqui origina-se**, cujos locativos se situam em um determinado contexto e, ao longo dos séculos, devido a sua alta frequência e à extensão do uso em novas formas de associação, sofrem processo de gramaticalização.

Ademais, para uma apuração mais profunda sobre o emprego dos locativos no ato comunicativo em relação ao falante e ao escritor, utilizamos os conceitos de *subjetificação* e *intersubjetificação*, com base em Traugott (1995). Considera-se como subjetificação a expressão do ponto de vista do falante encontrada no discurso e, conseqüentemente, o aumento da sua expressividade. A intersubjetificação, por sua vez, determina-se pela consideração da presença do interlocutor, e como este é afetado em relação à ação promovida pelo falante. Dessa maneira, emissor e receptor negociam os sentidos de forma interativa nos contextos específicos de comunicação.

Conforme observamos em nossa pesquisa, o usuário tem papel fundamental no processo criativo do uso da linguagem. A partir de novas possibilidades interpretativas, certos elementos podem ser inferidos de forma diferente do sentido original e, de acordo com a aceitabilidade dos mesmos, ocorre, posteriormente, o processo de fixação desses novos sentidos em contextos determinados. Esse caráter interativo da linguagem ratifica o princípio mencionado por Traugott e Dasher (2005), denominado como *inferência sugerida*. Segundo Martelotta (2011:83):

“Em termos mais específicos, a mudança tende a refletir o modo mais eficaz de negociação do sentido que falante e ouvinte promovem no ato da comunicação. Esse é um aspecto fundamental relacionado ao que chamamos anteriormente de inferência sugerida, que prevê as complexidades da

comunicação em que o falante evoca implicaturas, sugerindo que o ouvinte as aplique em sua interpretação”.

Com a compreensão desse processo, podemos verificar através do exemplo (4) a reinterpretação do locativo **daí**, uma vez que funciona como elemento conector entre as duas orações, estabelecendo relação de causa-consequência entre os fatos expressos. A partir do novo sentido do locativo e do aumento de sua frequência no contexto causa-consequência, observamos o processo de transferência metafórica, no qual o locativo assume função textual.

3. O OBJETO DE ESTUDO

Os elementos analisados e interpretados como objeto de estudo são os pronomes locativos **aí, ali, aqui, cá, lá** e seus aglutinatos **daqui, dali e daí**, integrantes, de acordo com a tradição gramatical, da classe dos advérbios. Segundo Gívon (2001), a classe adverbial é mais heterogênea do nível gramatical, tanto no aspecto semântico quanto no morfossintático. Essa heterogeneidade deve-se ao fato dessa categoria pender entre o campo do léxico e da gramática, formado por estruturas que são voltadas para organização interna do texto ou para a direção argumentativo-pragmática.

Dessa maneira, a classe adverbial é considerada uma categoria híbrida e fluída, uma vez que há uma grande variedade de elementos que se adapta ao contexto e aos propósitos comunicativos no discurso. Conforme Camara Jr. (1954: 156 *apud* NÓBREGA, 2000), a imprecisão na classificação da categoria gramatical ocorre pelo fato das gramáticas tradicionais pautarem a classificação dos advérbios em critérios heterogêneos, confusos e sem hierarquia entre si, cujo legado permanece desde a gramática greco-alexandrina, aparecendo sob forma didática no manual de Dionísio da Trácia (120 aC) pela primeira vez. Na descrição tradicional do português, encontram-se comentários acerca da extrema dificuldade de classificação do pronome adverbial, conforme afirmam Cunha e Cintra (2010:552-553):

“Certas palavras por vezes enquadradas impropriamente entre os advérbios passaram a ter, com a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, classificação à parte, mas sem nome especial. (...) Como vemos, tais palavras não devem ser incluídas entre os advérbios. Não modificam o verbo, nem o adjetivo, nem outro advérbio. São por vezes de classificação extremamente difícil. Por isso, na análise, convém dizer apenas: ‘palavra ou locução denotadora de exclusão, de realce, de retificação, etc’”.

Ademais, em outros estudos sobre a língua portuguesa, consideram-se os pronomes adverbiais também como uma classe (CASTILHO, 2002) indefinida e híbrida, visto que é uma categoria integrada por termos muito distintos, possuidores de múltiplas funcionalidades e detentores de uma extrema mobilidade semântica. Segundo Ilari *et al.*(1991:80 *apud* Castilho 2010:543) os advérbios não são constituídos por uma classe homogênea, “mas pelo menos (como um) conjunto de expressões que funcionam de maneira sensivelmente semelhante”.

No caso dos locativos, essas questões tornam-se mais imprecisas e problemáticas. Consoante Azeredo (2004:207-208), na gramática tradicional, certos advérbios considerados como locativos podem exprimir mais sentidos. Em alguns contextos, os locativos podem determinar funções temporais, tais como: *depois, então, aí, logo*; e funções espaciais, sejam elas físicas ou textuais, por exemplo: *aqui, aí, ali, acolá*, entre outros; conforme ratifica Azeredo (2004:208):

“(...)uma época ou um lugar reconhecíveis pelos interlocutores relativamente ao momento ou ao espaço em que acontece a enunciação (adjuntos espaciais dêiticos de tempo e lugar): *Aguardem aqui, Desçam daí*”;

“(...)uma época ou um lugar reconhecíveis pelos interlocutores relativamente a um ponto de referência instaurado no próprio discurso ou texto (adjuntos adverbiais de tempo e de lugar): *aqui, aí, então, ainda, já, depois*”.

Em nossos materiais de pesquisa, encontramos também alguns contextos onde os locativos possuem sentido ambíguo, como aponta o fragmento a seguir:

(6) “*A partir do canto VI, a qualidade baixa, acentuando-se a duzera prozaica e a falta de imaginação, máximas no IX e X, que se precipitam com ar de remate apressado. Aí, porém, surge uma passagem, senão bela, tocante, (...)*”. (*Formação da Literatura Brasileira*, p. 65).

No exemplo (6), o locativo *aí* exprime duplo sentido, pois ao mesmo tempo em que possui função temporal, determinando um ponto convencional na linha do tempo; considera-se também como conector textual, estabelecendo uma relação lógica entre os elementos do texto. Nesse caso, a diferença dessas funções é identificada somente pelos leitores que tentam categorizá-los por meio da inferência. Ademais, ressaltamos que a grande presença dos locativos nos materiais pesquisados leva a maior abstratização em relação aos espaços referenciados, apontando, assim, para um maior índice de gramaticalização dos mesmos.

Ainda, de acordo com Ilari (1996), os advérbios locativos e temporais não modificam exatamente a ação verbal, já que nada dizem respeito ao sentido do verbo, entretanto fornecem apenas indicações circunstanciais (temporais e espaciais) relativas à ação verbal, sendo classificados como não predicativos. Segundo Martelotta (2012: 37), apesar de gravitarem em torno do verbo na estrutura sintática, esses elementos apresentam mais valor pragmático-discursivo do que propriamente sintático. Dessa maneira, levando em consideração os aspectos semânticos e pragmáticos, notamos que os circunstanciadores locativos são utilizados em alguns casos como introdutores de novos tópicos, organizadores da relação entre causa e consequência das orações,

elementos enfáticos, entre outros. Devido a essas diferentes funcionalidades dos locativos na Língua Portuguesa, Ilari (1989:59) afirma que:

“(...) os elementos dêíticos como possuindo propriedades sintáticas e distribucionais próprias, que os distinguem dos outros ‘advérbios’; na realidade, os dêíticos invariáveis a que se tem chamado tradicionalmente de ‘advérbios de lugar/ advérbios de tempo’ admitem usos bastante variados, (...)”.

Outro fator importante no estudo dos locativos refere-se ao aspecto da *granulidade*. Este termo origina-se a partir das pesquisas sobre Inteligência Artificial, nas quais os locativos são definidos a partir das *diferenças nas regiões-de-vizinhança dos conjuntos* (BATÓREO, 2000:439). Segundo a autora, os locativos dividem-se em dois subsistemas de *granulidade*, a saber: vasta ou fina/estreita. De acordo com a autora, no português brasileiro, o locativo **lá** marca a imprecisão e o distanciamento do falante em relação ao objeto ou, em alguns casos, uma relação negativa. Em contrapartida, Batoréo (2000) determina como *granulidade* fina a mesma tríade de demonstrativos expressa por Camara Jr. (1954). Neste subsistema, encontra-se o locativo presente na área do falante: **aqui**; o locativo da área do ouvinte: **aí**; e o locativo distante da área do falante e do ouvinte: **ali** e, segundo a autora, esses três elementos definem a localização com maior pontualidade e precisão no campo mostrativo do falante.

Todavia, nossos *corpora* apontam que os falantes de Língua Portuguesa criam um sistema binário, opondo o elemento **cá**, próximo do falante; ao elemento **lá**, distante do falante. Dessa forma, detectamos no português brasileiro uma competição entre os itens: **aqui** e **cá**, sendo esse último marginalizado no uso do português brasileiro e ocorrendo usualmente no português europeu, conforme verificado nos *corpora* pesquisados. Em contrapartida, registramos a maior frequência do locativo **lá** no português brasileiro, sinalizando distanciamento do falante e utilizado como “além de ali”.

4. METODOLOGIA

Para examinarmos nosso objeto de estudo de maneira ampla, adotamos e combinamos procedimentos metodológicos distintos a fim de estabelecermos parâmetros de procedimento que orientam a pesquisa. Esse capítulo se divide em três seções, a saber: (5.1) Caracterização dos *Corpora*, (5.2) Descrição dos *Corpora* e (5.3) Procedimentos de análise. A primeira seção apresenta e justifica o gênero estudado, define quais são os autores e as obras analisadas e informa onde foram disponibilizados. A segunda seção descreve as obras estudadas. A última seção indica os fatores utilizados na análise dos *corpora*.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS *CORPORA*

O gênero pesquisado caracteriza-se por linguagem mais cuidada, principalmente no século XVIII. Nessa época, os textos eram escritos, geralmente, para a burguesia da sociedade européia e brasileira ou membros europeus da elite palaciana dos séculos XVIII ao XX. Assim, as obras refletiam, de certa forma, a estrutura organizacional da sociedade pelo uso da linguagem formal. Os autores dissertavam, entre outros assuntos, sobre a sociedade, os sentimentos humanos, a educação e as diversas formas de arte.

É importante salientar que vários autores, tais como: Travaglia (1991) e Marcuschi (2002), denominam o gênero textual como realização linguística concreta, materializada pelos textos, abrangendo, assim, um conjunto ilimitado de materiais. Dessa forma, o gênero opinativo representa uma manifestação concreta da língua em forma de texto, sendo produzida e aceita na comunidade linguística. Ainda, conforme Marcuschi (2002, 2004), o tipo textual é determinado pela natureza linguística ou pelas propriedades intrínsecas do texto, ou seja, o tipo textual é uma sequência linguística construída pelo locutor e que tem como finalidade a organização e atualização da atividade discursiva.

Assim, em nossa pesquisa, assumimos o conceito de gênero opinativo e o usamos para classificar todos os textos que reflitam a opinião do autor, direcionados para o convencimento dos leitores. Ainda como característica do gênero opinativo, o

autor deve captar todos os fatores e circunstâncias que levaram a tal crítica e, ao mesmo tempo, o afastar da “neutralidade” dos fatos, emitindo argumentos que sustentem seu ponto-de-vista.

Assim, utilizamos e selecionamos como *corpora* dois textos de cunho opinativo de cada sincronia investigada, a fim de obtermos dados mais correspondentes quantitativamente em relação às obras pesquisadas. Para tanto, delimitamos a quantidade de caracteres ou páginas dos materiais, contendo, em média, de 55.000 caracteres ou em torno de 80 páginas por obra. Nossos *corpora* são formados pelos textos abaixo, a saber:

Século XVIII:

I- *Reflexão sobre as Vaidades dos homens*, de Matias Aires (1752);

II- *Verdadeiro Método de Estudar*, de Luis Antonio Verney (1746);

Século XIX:

III- *Segundo livro de crítica: arte e litteratura portugueza d'hoje: (livros, quadros e palcos)*, de Luciano Cordeiro (1871);

Os seguintes textos críticos de Machado de Assis:

IV- *Idéias sobre o Teatro* (1859);

IV- *A Crítica Teatral. José de Alencar: Mãe* (1860);

IV- *O Ideal Crítico* (1865);

IV- *Crítica Teatral* (1866);

IV- *Notícia da atual literatura brasileira: Instinto de nacionalidade* (1873).

Século XX:

V- Os três primeiros capítulos da *Formação da Literatura Brasileira* (momentos decisivos) (1836- 1880): 2º volume, de Antônio Candido;

VI- *Nós e a Europa: ou as duas razões* (1988), de Eduardo Lourenço.

Os documentos numerados de I a IV foram disponibilizados, respectivamente, nos sites: <http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/> , <http://www.purl.pt> e http://machado.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=170:critica&catid=34:obra-completa&Itemid=123. Apenas os materiais da última sincronia não foram disponibilizados eletronicamente, pois não se encontravam digitalizados até o presente momento. Como nosso objetivo principal visa à análise dos pronomes locativos na língua portuguesa entre os séculos XVIII e XX, é importante citar que não houve preocupação em relação ao local de nascimento dos autores, se Portugal ou Brasil, uma vez que, entre esses séculos, as classes mais abastadas que residiam no Brasil encaminhavam seus filhos para estudar em Portugal. Dessa forma, não distinguimos aqui a escrita entre Português Brasileiro (PB) e o Português Europeu (PE). A partir do material pesquisado, levantamos, de maneira sintética, informações acerca dos autores, bem como o local de nascimento e suas áreas de atuação profissional. No primeiro século, observamos dois autores: Matias Aires e Luis António Verney. O primeiro fora filósofo e escritor brasileiro que residiu grande parte de sua vida em Portugal. O segundo era filósofo, teólogo, professor e escritor português. No século XIX, selecionamos os autores Machado de Assis e Luciano Cordeiro. Este fez seus primeiros estudos na Ilha da Madeira, onde se fixou com a família; licenciado em Letras, participou da comissão encarregada do projeto de reforma do ensino artístico e formação dos museus nacionais; desempenhou cargos governamentais ligados ao ensino e fundou a *Revista de Portugal* e o jornal *Comércio de Lisboa*. Machado de Assis foi um grande escritor brasileiro, compondo, praticamente, em todos gêneros literários; era poeta, romancista, dramaturgo, cronista, folhetinista, jornalista e crítico literário. Na última sincronia, destacamos Antônio Candido e Eduardo Lourenço. Candido nasceu no Brasil e tornou-se escritor, crítico literário, sociólogo e professor; aposentou-se pela USP, em 1978, mas permanece ligado à pós-graduação e à orientação de trabalhos acadêmicos. Por sua vez, Eduardo Lourenço, escritor contemporâneo a Antônio Candido, figura entre os maiores intelectuais portugueses; licenciado na faculdade de Ciências Histórico-Filosóficas, lecionou em inúmeras universidades europeias e escreveu famosos ensaios, conquistando vários prêmios e títulos.

4.2. DESCRIÇÃO DOS CORPORA

Nas obras examinadas, observamos que a corrente iluminista influenciou o pensamento e a escrita crítica dos autores no século XVIII. Conforme Elia (2003), esses ideais estavam presentes principalmente na literatura, dado que, em todo século XVIII, o estudo da razão humana se sobrepôs em relação ao estudo da fé.

A primeira obra, *Reflexão sobre as Vaidades dos Homens*, destaca os valores propostos por Elia (2003), uma vez que seu objetivo se caracteriza pela discussão acerca dos sentimentos e atitudes humanas. Em seu texto, Aires aborda tanto a vaidade quanto o amor. O primeiro sentimento se caracteriza por ser uma paixão da alma e não do corpo, originando a mais poderosa das vaidades: o saber. O segundo, por sua vez, engloba duas diferentes formas de amor: o primeiro seria vulgar e medíocre, somente ocupado dos prazeres do sentido e seria dominado pela vaidade; contudo, o segundo seria o amor sublime, que se contenta em contemplar o objeto amado e se aproximar do divino. Como a obra destina-se ao El-Rei, o cuidado na linguagem escrita torna-se essencial. Segundo Elia (2003:106), “Matias escreveu, à maneira de La Rochefoucauld, as suas *Reflexões sobre as Vaidades dos Homens* (1752), retomando ao tema bíblico da *vanitas vanitatum*, mas repensando a luz do Iluminismo”.

A segunda obra analisada, *Verdadeiro Método de Estudar* (1746), de Luis António Verney, destina-se ao Rei D. João V. Graças ao espírito iluminista, o autor defendia uma grande reforma das gramáticas utilizadas na época, colocando em prática seus estudos sobre a língua e, ainda, defendendo o acesso da mulher à educação. Elia (2003) declara que Pombal, impregnado dos ideais iluministas, gerou uma reforma pedagógica antiescolástica, tornando-a mais científica do que humanista ou literária. Esse novo ensino foi representado pela reforma da Universidade de Coimbra, que apoiava mais a prática de ensinar a gramática latina do que o português, ao contrário do que se vinha fazendo.

No século seguinte, a obra *Segundo livro de crítica: arte e litteratura portugueza d'hoje: (livros, quadros e palcos)*, editado em 1871, faz diversas críticas artísticas e literárias extraídas da rubrica "Revista Crítica" do jornal *A Revolução de Setembro*. Na primeira parte, intitulada "Arte e artistas", Luciano Cordeiro reúne estudos acerca de artistas plásticos como Tomás José da Anunciação, Alfredo Keil, Miguel Ângelo Lupi, Manuel Maria Bordalo Pinheiro e Rafael Bordalo Pinheiro. Na

segunda parte, "Livros e palcos", recenseia obras de Camilo Castelo Branco, Teixeira de Vasconcelos, João de Deus, Ramalho Ortigão e Oliveira Martins, entre outros, e colige várias críticas teatrais desse período.

Em *Críticas* (1859-1873), observamos comentários machadianos em relação ao teatro brasileiro e às obras literárias desenvolvidas na época. Vale ressaltar que Machado testemunhou a mudança política ocorrida no país, passando de Império à República. Dessa forma, encontramos em seus textos críticas à postura e à conduta da sociedade carioca no final do século XIX.

Na última sincronia, utilizamos os três primeiros capítulos da obra *Formação da Literatura Brasileira (Momentos decisivos)* 1º. volume (1750-1836), escrita por Antônio Candido, e o livro *Nós e a Europa: ou as duas razões* (1988), de Eduardo Lourenço. No primeiro material, o autor comenta e critica como ocorreu a construção da literatura brasileira, apesar de o Brasil ter sido, por muitos anos, uma das colônias portuguesas. Nessa obra, Cândido define o papel primordial do estilo literário romântico como busca das origens nacionais, definindo o índio, a partir do século XVIII, como o verdadeiro herói mítico brasileiro. No segundo livro, o autor questiona a questão da identidade portuguesa, afirmando que Portugal não sofre um problema de identidade, mas de hiperidentidade, uma vez que, no passado português, observa-se a busca pela genuína identidade, perdida na invasão de povos na Pensínsula Ibérica, nos domínios de outros povos de além-mar, no passado messiânico marcado pelo sebastianismo, entre outros casos.

4.3. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Para a pesquisa, levantamos e interpretamos os locativos: **aqui, aí, cá, lá** e **ali** e seus aglutinados: **aqui, aí, cá, lá** e **ali**, nos *corpora* referidos acima. Levamos em conta a perspectiva qualitativa e a quantitativa nas análises empreendidas.

A partir do levantamentos dos locativos, adotamos as posições desses itens propostas por Silva e Silva (2002) e indicadas no quadro abaixo:

Quadro 1: POSIÇÕES DOS ADVÉRBIOS NA ORAÇÃO

| PRÉ-VERBAL | | | PÓS-VERBAL | |
|------------|-------|----------|------------|---------|
| P1 | P2 | P3 | P4 | P5 |
| Suj+Adv+v | Adv+V | Adv+X+V* | V+Adv | V+X+Adv |

- *1) V é o verbo, ou seja, o escopo com o qual o advérbio tende a se relacionar;
- 2) X é qualquer constituinte que se localiza entre o verbo e o advérbio, e vice-versa. Não são considerados como X os clíticos, a partícula negativa ou os advérbios que se referem a outro advérbio;
- 3) A presença de preposições, conjunções e pronomes relativos também não é considerada importante para a análise dessas posições.

Os dados também foram analisados com base em outras três variáveis, a saber:

a) Referenciação: A referenciação se relaciona ao aspecto semântico do locativo. Dessa maneira, observamos a polissemia dos mesmos através do *cline espaço > tempo > texto*, baseado na teoria localista proposta por Batóreo (2000). De acordo com o referido *cline*, os sentidos mais concretos ou atinentes ao mundo biossocial são utilizados na referência temporal e, seguindo a trajetória de abstratização de sentidos do locativo, chegam à dimensão discursiva, como a articulação de noções lógicas.

A partir desse procedimento de análise, classificamos os dados em dois grupos. O primeiro refere-se ao domínio físico e pode ser dividido entre: concreto e abstrato. Este se caracteriza quando não há delimitação concreta de ambiente ou local específico (*físico virtual*), tais como: documentos, cartas ou sonhos. Aquele compreende um espaço físico geograficamente demarcado (*físico concreto*), como exemplos: cidade, sala ou país, conforme ilustrados nos exemplos (7) e (8):

(7) “*Nem pessoa alguma faz caso disto. Sòmente se pratica escrever de próprio punho quando é primeira carta de cerimônia a pessoa grande, ou quando respondo a quem escreve de próprio punho, ou noutros casos assim. Mas, aqui, seria, um caso reservado praticar o contrário*”.(p.42/ *Verdadeiro Método de Estudar*).

(8) “*Assinaladas e postas de parte certas crenças ainda cheias de fé, esse amor ainda santificado, o que resta? Os mercadores entraram no templo e lá foram pendurar as suas alfaias de fancaria. São os jesuítas da arte; (...)*” (pág.40/ *Críticas*).

Em (7), o locativo **aqui** remete ao espaço virtual carta, porém, em (8), o item **lá** se refere a um ambiente determinado e concreto, o templo.

O segundo grupo relaciona-se à referência abstrata e, semelhante ao grupo anterior, é formado por dois conjuntos: temporal e textual. O primeiro expressa ideia temporal e, como o próprio nome sugere, refere-se à medida arbitrária de duração dos acontecimentos (*abstrato temporal*). O segundo, por sua vez, representa os sentidos lógicos no texto, funcionando como estratégia coesiva entre os elementos do discurso (*abstrato textual*). Os excertos (9) e (10) exemplificam o comentário acima.

(9) “*(...) isto é, em ser com antecedência, e ser já, aquilo que certamente há-de vir a ser **daqui** a pouco: por isso o preso, que se mata, é como um preso que foge; um, e outro, iludiu o castigo, porque este devia consistir na duração, e não na extinção.* (Reflexão sobre as Vaidades dos Homens, p.50).

(10) “*Todos se lembram que Leonel é primo de Leôncio; esse, autor da desonra de Damiana, procura impedir o casamento do primo com Cristina, irmã de Lusbela. **Daqui vem** a luta entre e Leôncio, que faz uma parte da ação da peça.*” (*Críticas*, p.24)

No exemplo (9) o termo **daqui**, junto com *a pouco*, faz alusão ao período determinado no futuro. Em (10), a expressão **daqui vem** funciona como conector, estabelecendo relação lógica entre elementos ditos anteriormente no discurso com elementos posteriores.

Entretanto, na classificação da referenciação de alguns locativos, deparamo-nos com poucos casos híbridos (*categoria intermediária*), nos quais o locativo se situa entre o sentido abstrato temporal e o abstrato textual, conforme ocorre no exemplo (11):

(11) “*O individualismo, destancado o homem da sociedade ao forçá-lo da sociedade sobre o próprio destino, rompe de certo modo a idéia de integração, de entrosamento – quer dêle próprio com a sociedade em que vive, quer desta com a ordem natural entrevista pelo século XVIII. **Daí** certo baralhamento de posições, confusão na consciência coletiva e individual, de onde brota o senso de isolamento e uma tendência invencível para os rasgos pessoais, o ímpeto e o próprio desespero.*” (*Formação da literatura brasileira*, p.24).

Em (11), não nos parece evidente a possibilidade de interpretação mais definida entre a dimensão temporal e textual. Assim, julgamos que seja possível a interpretação do locativo **aí**, indicando a sequência temporal dos fatos, ou textual, na qual o locativo funciona como elemento coesivo entre as orações.

b) Foricidade: Este fator se refere à dimensão pragmática-discursiva. Verificamos as relações dêiticas que o locativo estabelece em relação aos elementos presentes no texto. Elas podem ser de natureza endofórica (anafóricas e catafóricas) ou exofórica. Segundo Koch (1990), na coesão endofórica, o elemento encontra-se expresso no próprio texto; na coesão exofórica, entretanto, o referencial não está presente no texto, mas sim na situação contextual externa.

Em sua nova gramática, Castilho (2010) menciona a diferença entre *dêixis* e referenciação. Para o autor, *dêixis* associa-se ao discurso e às interações sociais entre falantes e depende, diretamente, da situação de fala em que está fixada. Logo, a referenciação ocorre depois da *dêixis*. Ainda, conforme o autor, após inserirmos entidades no discurso, retomamos as mesmas pela referenciação. Em suma, a *dêixis* indica o objeto, enquanto a foricidade retoma o referente por meios endofóricos.

A partir das considerações acima, observamos os exemplos (12) e (13), nos quais os locativos sinalizam as relações endofóricas:

(12) “(...), *depois dragão, depois beldade, para afinal tornar-se o pródigo Vígilio de Colombo, levando-o ao Inferno, para de lá mostrar-lhe eruditamente as idades pré-históricas, (...)*”. (*Formação da Literatura Brasileira*, p.72).

(13) “A partir **daí**, de 1850, digamos, as diferentes coroas de Magalhães começam a vacilar e perder prestígio, ante a pura grinalda do cantor d’Os Timbiras: (...)”. (*Formação da Literatura Brasileira*, p.56)

Os itens anteriores indicam respectivamente relação anafórica e catafórica. Em (12), o elemento destacado retoma a palavra “inferno”, já dita anteriormente, entretanto, em (13), o locativo aponta ao ano de 1850, sendo citado posteriormente.

Embora a maioria dos dados interpretados funcionem como itens endofóricos, em alguns casos, o sentido do locativo se volta para a situação comunicativa, ou seja, tem referência dêitica, relativa a espaço fora do texto, como mostra o exemplo (14):

(14) “ *O sábio que flutua no meio de razões, e oposições iguais, finalmente lá se deixa levar por alguma razão exterior, e indiferente; as cousas remotas, que não têm relação alguma, nem conexão com a matéria, entram em concurso, com as que formam*

o corpo, e substância dela: o litigante a quem o Juiz viu, ou falou ultimamente; (...)”.
(*Reflexão sobre as Vaidades dos homens*, p.137).

Em (14), o locativo **lá** aponta para a situação comunicativa, pois se refere a um espaço no qual o autor se deixa levar pela sua razão, ocorrendo fora do texto. Nesse exemplo, também verificamos a granulidade vasta² do locativo **lá** (BATÓREO, 2000), que concorre para a imprecisão e a indefinição situacional, como ilustra o exemplo (14).

c) *Frame* ou *enquadramento*: O último fator analisado, de base cognitiva, caracteriza o locativo a partir do *frame* (ou “enquadramento”) do qual participa. Conforme Fillmore (1982: 116-117) *apud* Ferrari (2011: 50), o significado das palavras depende do *frame* no qual está inserido. Dessa forma, a interpretação de um determinada palavra, ou de um conjunto delas, necessita do acesso a estruturas de conhecimento que relacionam elementos e entidades associados a cenas de experiência humana, considerando-se as bases físicas e culturais dessa experiência.

Portanto, em nossa pesquisa, verificamos, no âmbito da cláusula, se a relação entre os participantes, o locativo e o verbo formam ou não um *frame* de base locativa, isto é, analisamos se a predicação verbal e seus argumentos articulam um “enquadramento” no qual o espaço físico prevalece. Como cita Fillmore (1994) *apud* Vilela (1997:68): “(...): fixamo-nos que *frame* é verbalização (*Versprachlichung*) da cena numa dada perspectiva a partir de um dado lexema (ou mais precisamente um predicado)”. A partir dos comentários acima, seguem os fragmentos (15) e (16) que os exemplificam:

(15) “*De novo a diplomacia e a guerra facilitam essa aproximação que aos poucos se tornará quase como que um reflexo cultural nacional, entendendo-se aqui por cultura um estilo de vida que vai dos cosméticos a Voltaire, da tática militar à arte de construção*, p.28).

(16) “(...), *realizada pelos artistas que vão à Itália estudar-nos ou com os grandes mestres e pelos que do norte veem viajar ou estabelecer-se aqui.*” (*Segundo livro de crítica: arte e litteratura portugueza d'hoje: (livros, quadros e palcos)*, VIII Um parenthesis- no. 59- 3º. Parágrafo).

² Segundo Batóreo (2000), utilizamos o termo granulidade a partir dos estudos de Inteligência Artificial. Esse estudo focaliza as diferenças de regiões-de-vizinhança dos conjuntos e os subdividem em dois subsistemas, a saber: granulidade vasta e fina (ou estreita). Dessa forma, os locativos também podem ser categorizados por esse parâmetro, sendo *cá* e *lá* (granulidade vasta) e *aqui*, *ai* e *ali* (granulidade fina).

Em (15), o locativo **aqui** integra uma cláusula de *frame* não espacial, pois o sujeito não agentivo (se, 3^a pessoa) se relaciona com o verbo cognitivo *entender*. Ademais, como o verbo não requer um complemento de natureza espacial, a leitura do locativo se torna favorecida pelo “enquadramento” não espacial do locativo. Já em (16) o mesmo locativo estabelece relação espacial, dado que o sujeito agentivo e humano se relaciona com o verbo *estabelecer*, que tem o locativo **aqui** como complemento.

5. FATORES EM ANÁLISE

Apresentamos neste capítulo os resultados obtidos através do levantamento exaustivo dos locativos **aqui**, **cá**, **lá**, **ali** e **aí**, bem como seus aglutinados **daí**, **daqui** e **dali** nos *corpora* sob nossa análise.

Na primeira seção, partimos de uma variável estrutural – a ordenação dos locativos em relação ao verbo. Nas seções seguintes, tratamos de outras variáveis para dar conta da atuação contextual dos pronomes referidos. Essa organização visa descrever e interpretar possíveis trajetórias de polissemia e gramaticalização desses elementos.

No decorrer do levantamento, observamos que alguns locativos apresentavam-se sistematicamente ao lado de determinados verbos, formando uma unidade maior de sentido e forma. Apesar de focalizarmos especificamente os locativos nesta pesquisa, entendemos que uma análise funcional deve dar conta dos usos efetivamente registrados. Nesse sentido, não retiramos esses dados e, na última seção, apresentaremos algumas observações acerca dessas expressões mais integradas.

5.1. SINTÁTICOS

Nesta seção, dividimos os locativos em pré e pós-verbais e, partindo do verbo como elemento essencial na estrutura oracional, apresentamos a tabela de ordenação dos locativos. Dessa forma, os resultados enfatizam a alternância de posições dos locativos numa perspectiva histórica.

TABELA 1: ORDENAÇÃO DOS LOCATIVOS NOS *CORPORA*

| | P2 (adv+verbo) | | | P3 (adv+X+verbo) | | | P4 (verbo+adv) | | | P5 (verbo+X+adv) | | | TOTAL |
|----------|-------------------|---------|--------|---------------------|---------|--------|-------------------|---------|--------|---------------------|---------|-------|-------|
| | Séc XVIII | Séc XIX | Séc XX | Séc XVIII | Séc XIX | Séc XX | Séc XVIII | Séc XIX | Séc XX | Séc XVIII | Séc XIX | SécXX | |
| Cá | 2 | 1 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 2 | 1 | 8 |
| (D) aqui | 97 | 11 | 3 | 6 | 9 | 5 | 17 | 20 | 6 | 1 | 2 | 0 | 177 |
| Lá | 16 | 8 | 4 | 1 | 0 | 0 | 4 | 6 | 1 | 0 | 3 | 1 | 44 |
| (D) aí | 0 | 9 | 2 | 0 | 1 | 11 | 0 | 8 | 1 | 0 | 3 | 3 | 38 |
| (D) ali | 23 | 7 | 2 | 2 | 2 | 0 | 1 | 17 | 0 | 0 | 7 | 0 | 61 |
| Total | 138 | 36 | 11 | 9 | 13 | 16 | 22 | 52 | 8 | 1 | 17 | 5 | 328 |
| Total | 186 | | | 38 | | | 81 | | | 23 | | | 328 |

Conforme verificado no capítulo referente à metodologia, adotamos a seguinte identificação para as cinco ordenações pesquisadas: P1 (sujeito+verbo+advérbio), P2 (advérbio+verbo), P3 (advérbio+X+verbo), P4 (verbo+advérbio) e P5 (verbo+X+advérbio). Em termos de ordenação, os dados da nossa pesquisa apontam a posição contígua ao verbo (P2 e P4) como não-marcada nas sincronias analisadas. Como não detectamos a presença dos locativos na posição P1 nas fontes pesquisadas, esta posição foi descartada da Tabela 1.

Os números da Tabela 1 apresentam os resultados do levantamento exaustivo da ordenação dos locativos. Para melhor visualização desses resultados, separamos as obras pelos séculos nas quais foram produzidas e agrupamos os dados em suas respectivas posições. De acordo com os dados da Tabela 1, observamos a predominância dos advérbios locativos em posição pré-verbal (P2) no século XVIII e, devido a sua alta frequência, consideramos tal posição como não-marcada no período referido. Esses resultados confirmam os estudos feitos por Martelotta (2006: 50-51), demonstrando que locativos em sincronias mais antigas da língua portuguesa tendem a se localizar antepostos ao verbo, em ordenação distinta face ao português contemporâneo, quando o locativo tende a se localizar exatamente posposto ao verbo.

Em estudos recentes desenvolvidos por pesquisadores do grupo de estudos Discurso & Gramática (BARCELLOS, 2011; VALADARES, 2011), esses resultados foram corroborados, comprovando, assim, a mudança posicional dos locativos entre os séculos XVIII e XX.

Outro fator observado refere-se à ausência do locativo **aí** nos *corpora* pesquisados do século XVIII. Contudo, nas sincronias posteriores, observamos a presença do locativo **aí** em função anafórica. Devido a essas obras serem originadas a partir de críticas feitas por grandes artistas ou por influentes membros da classe burguesa, detectamos a presença de citações de outras obras como forma de comprovação e exemplificação autoral. Assim, o locativo **aí** funciona como item anafórico, remetendo às porções de outras obras e, ao mesmo tempo, persuadindo os leitores a compartilharem a mesma opinião do autor. Essas afirmações estão ilustradas nos fragmentos abaixo:

(17) *“Seguem-se as Declinações dos Verbos, a que vulgarmente chamam Linguagens. E **aqui** achamos bastantes erros nas gramáticas comuns, e também confusões; porque mandam aprender aos rapazes coisas totalmente supérfluas, e não explicam as necessárias.”* (Verdadeiro Método de Estudar, pág.155).

(18) *“A ação é altamente dramática; as cenas sucedem-se sem esforço, com a natureza da verdade; os lances são preparados com essa lógica dramática a que não podem atingir as vistas curtas. Altamente dramática é a ação, disse eu; mas não pára **aí**; é também altamente simples.”* (Críticas, pág.32).

Os excertos (17) e (18), além de exemplificarem as posições respectivas P2 e P4, apresentam os locativos utilizados nos materiais em análise. Nos dados do século XVIII, como há a ausência do locativo **aí**, encontramos, em (17), o locativo **aqui** funcionando como elemento anafórico, apontando para um local determinado do próprio texto. Conforme cita Batóreo (2000: 439), o locativo **aqui** marca a distinção de um local conhecido, pontual e próximo do emissor da obra.

O fragmento (18) ilustra o uso do locativo **aí** como um elemento anafórico, que recupera porção anterior do texto. Observamos que todo o primeiro período do

exemplo (18) , que se refere à peça teatral criticada por Machado, é retomado pelo locativo **aí**.

A comparação dos exemplos (17) e (18) evidencia ainda que a granularidade dos locativos destacados constitui-se em traço comum (BATÓREO, 2000). Assim como em (17), o locativo presente em (18) também localiza um espaço classificado como de *granularidade fina*, uma vez que é determinado e pontual.

Com relação ao século XVIII, um dado relevante refere-se à alta frequência dos aglutinados **daqui** encontrados na obra de *Aires*, conforme mostram os exemplos abaixo. Embora tratemos dos usos dessas unidades em um capítulo específico, consideramos oportuno apresentar alguns exemplos vinculados à ordenação dos locativos, uma vez que o *token* **daqui vem** compreende cerca de 70% dos dados levantados de *daqui* na Tabela 1:

(19) “*A razão do esforço, regula-se pela razão da vaidade; **daqui vem**, que em um conflito grande, os ânimos se elevam, e arrebatam; porque algumas vezes é questão do destino de um Império; em lugar que o ardor é lento, quando só se disputa um posto vantajoso*”. (*Reflexão sobre as vaidades dos homens*, p. 47).

(20) “*O merecimento das cousas, não se toma pelo que são, nem pela forma que têm, mas pelo que não são, e pela forma contrária que não têm. **Daqui vem** que uma acção é louvável, só porque não é repreensível. Aquele meio de não ser, nem uma cousa, nem outra, parace que o não há já; ficaram os extremos, e extinguiu-se o meio*”. (*Reflexão sobre as Vaidades dos homens*, p.142).

Os exemplos (19) e (20) ilustram o uso da unidade **daqui vem**, encontrada em 46 dados dos *corpora*. Como ressaltamos, essa frequência impactou significadamente o número de locativos encontrados antepostos ao verbo no século XVIII. O par de exemplos mostra a expressão **daqui vem** funcionando como conectivo textual, pois, ao mesmo tempo que delimita o fluxo de informações, concorre para o caráter coesivo entre as orações. Essa função conectiva é reforçada tanto pela semântica da preposição *de*, indicando origem, quanto pela do verbo *vir*, direcionando o movimento de retomada de algo já citado.

Além disso, a granularidade fina de **aqui**, expressando um ponto específico e identificável no fluxo da informação, marca a retomada da porção textual imediatamente anterior. Tanto no exemplo (19) quanto no exemplo (20), o uso dessa expressão não só comprova o posicionamento predominantemente pré-verbal dos locativos no século XVIII, mas também demonstra a função anafórica dessas locuções, uma vez que as mesmas organizam o discurso, criando uma ligação entre um novo assunto e alguma informação já dita.

Com relação aos séculos XIX e XX, a variação da posição dos locativos aponta para tendência ao uso pós-verbal, aproximando-se da ordenação do português contemporâneo, conforme observado nas pesquisas de Martelotta (2006) e Oliveira (2010). De acordo com os dados da Tabela 1, no século XVIII, há predomínio dos locativos em posição pré-verbal (P2), totalizando 138 casos. Entretanto, no decorrer do século XIX, notamos certo equilíbrio na distribuição entre as posições pré e pós-verbal, com frequência maior de P4; dos 118 casos no século XIX, 36 ordenam-se em P2 e 52 em P4. Conforme verificado, a variabilidade dessas ocorrências demonstra tendência a equilíbrio maior em relação ao posicionamento dos locativos em relação ao verbo. Essas observações podem ser respaldadas nos trechos abaixo:

(21) *“È um retrato ou uma phantasia? Não sei. O que é certo é que não ha **ahi** ou se ha não se percebe, concepção esthetica. (II Barbados- no. 19- 2º. Parágrafo/ Segundo livro de crítica: arte e litteratura portugueza d’hoje: (livros, quadros e palcos).*

(22) *“Pessoas faz-se eco desse curioso recalçamento. Os ‘Colombos’ são para ele aqueles que acharam o que nós desdenhámos. Pouco importa **aqui** a ‘verdade Colombo’”. (Nós e a Europa; ou as duas razões, pág. 84).*

Com o decréscimo da frequência da expressão **daqui vem** e o aumento dos locativos em posição pós-verbal nos séculos XIX e XX, ratificamos, através desta análise histórica, a mudança em relação às tendências de colocação dos locativos ao longo das sincronias estudadas (MARTELOTTA, 2009; 2010). Conforme ilustram os exemplos (21) e (22), verificamos não somente o deslocamento da posição do locativo, mas também a relação entre ordenação sintática e funcionalidade. O par de fragmentos (21) e (22) ilustra que, a partir do século XIX, grande parte dos locativos tende ao

posicionamento pós-verbal e, como resultado, esses locativos articulam sentidos mais abstratos. De acordo com os dados (21) e (22), quando os locativos se situam posteriormente ao verbo, apontam para um espaço mais abstrato, indicando geralmente o próprio texto. Trata-se de trajetória de polissemia cumprida por termos de base espacial, em sua migração para derivações de sentido espacial e textual, conforme previsto pela *teoria localista* (BATORÉO, 2000)

É importante salientar que, apesar da diminuição dos locativos em posição pré-verbal nos séculos XIX e XX, encontramos ainda alguns casos em que os locativos se posicionam imediatamente antes do verbo, como iniciadores de período. Esses locativos desempenham função macroestrutural, uma vez que são utilizados como conectores lógicos ou cronológicos, conforme observamos nos exemplos abaixo:

(23) “*Os primeiros românticos principiam a sua atividade na revista Niterói (1836), consolidam com a Minerva Brasiliense (1843- 1844), despedem-se na Guanabara (1849- 1855). Daí por diante continuam a produzir, mas perdem terreno como grupo*”. (*Formação da Literatura Brasileira*, pág.47)

(24) “*Mas nada o ilustrará melhor ao longo dos séculos que o caráter transnacional que desde a origem foi o da Universidade de Paris, o primeiro forum da ‘intelligentsia’ europeia. Aí dialogou como não o podia fazer noutro lado, durante anos decisivos, como são sempre os da invenção de um modelo, tudo quanto na Europa pensava e inovava*”. (*Nós e a Europa: ou as duas razões*, pág.130).

No trecho (23), o uso do locativo **daí**, na formação *daí por diante*, está funcionando como estratégia discursiva, uma vez que a funcionalidade desse item extrapola a oração, alcançando toda organização discursiva. Assim, em (23), o algutinado **daí** estabelece conexão temporal, pois, além de marcar a circunstância de tempo, retoma a ação anterior. Em (24), o locativo **aí** é usado como elemento anafórico, pois delimita um espaço físico concreto- a Universidade de Paris. Ademais, verificamos que o locativo **aí**, em (24), ocorre em contexto atípico, uma vez que o locativo **aí** em posição inicial funciona geralmente como elemento coesivo entre as orações, porque, ao mesmo tempo que recupera informação prévia, introduz novas informações.

Ao longo de nossa análise histórica, comprovamos, com base em análise quantitativa e qualitativa, a trajetória da mudança dos locativos. Por outro lado, apesar de a grande maioria dos locativos se localizar em posição pós-verbal a partir do século XIX, observamos, nos três séculos estudados, uma quantidade significativa de locativos em posição contiguamente anterior ao verbo ou em início de oração, uma vez que o gênero estudado motiva a presença de locativos funcionando com valores conectivos lógicos e temporais, conforme apontam os exemplos (23) e (24). Outra motivação ocasionada também pelo gênero se refere à frequência *token* de **daqui vem** nos *corpora*. Como ilustram os exemplos (19) e (20), essas estruturas também possuem função conectiva, sendo muito frequentes em sequências expositivas.

5.2. SEMÂNTICOS

Com a finalidade de interpretamos a trajetória de polissemia dos locativos, classificamos os itens em cinco categorias, a saber: Físico Concreto (FC), Físico Virtual (FV), Abstrato Temporal (ATp), Abstrato Textual (ATx) e Categoria Intermediária (CI) criadas por OLIVEIRA (2010). Diferentemente do que ocorre na ordenação dos locativos, em nossa pesquisa, esse fator não apresenta sensíveis distinções nas sincronias analisadas, conforme demonstra a Tabela 2.

TABELA 2: REFERENCIAÇÃO DOS LOCATIVOS NOS *CORPORA*

| | Físico Concreto | | | Físico Virtual | | | Abstrato Temporal | | | Abstrato Textual | | | Categoria Intermediária | | | Total |
|--------------|-----------------|---------|--------|----------------|---------|--------|-------------------|---------|--------|------------------|---------|--------|-------------------------|---------|--------|------------|
| | Séc XVIII | Séc XIX | Séc XX | Séc XVIII | Séc XIX | Séc XX | Séc XVIII | Séc XIX | Séc XX | Séc XVIII | Séc XIX | Séc XX | Séc XVIII | Séc XIX | Séc XX | |
| Cá | 0 | 1 | 1 | 2 | 3 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 8 |
| (D) aqui | 2 | 2 | 4 | 56 | 36 | 9 | 5 | 2 | 1 | 54 | 2 | 0 | 4 | 0 | 0 | 177 |
| Lá | 5 | 2 | 6 | 16 | 15 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 44 |
| (D) aí | 0 | 0 | 0 | 0 | 17 | 2 | 0 | 2 | 6 | 0 | 2 | 7 | 0 | 0 | 2 | 38 |
| (D) ali | 5 | 1 | 1 | 21 | 29 | 1 | 0 | 3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 61 |
| Total | 12 | 6 | 12 | 95 | 100 | 12 | 5 | 8 | 7 | 54 | 4 | 7 | 4 | 0 | 2 | 328 |
| Total | 30 | | | 207 | | | 20 | | | 65 | | | 6 | | | 328 |

De acordo com a Tabela 2, grande parte dos locativos refere-se aos espaços físicos virtuais (FV) em todos os séculos analisados. No século XVIII, encontramos 95 casos desse tipo de referência, dos quais 56 em torno do locativo **(d) aqui**, como verificado no exemplo abaixo:

(25) “*Digo sòmente que não condenaria quem o escrevesse nestes casos, ainda que eu pratique comumente o contrário. Fora **daqui**, julgo que não se deve escrever em nenhuma outra dicção, porque todas se distinguem mui bem sem esse sinal de aspiração*”. (Verdadeiro Método de Estudar, p.63).

No exemplo (25), o aglutinado **daqui** retoma anaforicamente o próprio texto em elaboração, determinando um local da própria tessitura textual (nestes casos). A essas referências mais abstratas, denominamos espaço físico virtual, uma vez que o espaço não se delimita geograficamente, tornando-se mais abstrato.

Ainda na primeira sincronia analisada, com 54 casos, a referenciação abstrata textual ocupa o segundo lugar em termos de frequência. Geralmente, esses casos

ocorrem com a união do aglutinado **daqui** e do verbo *vir*, gerando a expressão **daqui vem**, conforme debatido na seção anterior e exemplificado no fragmento (26):

(26) “*Cada coisa tem tantas partes por onde se considere, que de qualquer modo que a imaginemos, sempre achamos argumentos, que ou nos persuadem o erro, ou nos confirmam o acerto; **daqui vem** que há opiniões para tudo, assim como para tudo há exemplos. Aquilo, que nos parece que é sem dúvida, é donde às vezes a há maior*”. (Reflexão sobre as Vaidades dos homens, p.114).

No fragmento (26), a expressão **daqui vem** funciona como um elemento conectivo, pois não só introduz um novo assunto no texto, mas também retoma alguma informação prévia. Dessa forma, observamos o processo de gramaticalização sofrido pelo locativo **daqui** bem como pela forma verbal **vem**, dado que estes termos perdem seu papel prototípico, tendendo a funcionar, como um todo, na organização da macroestrutura textual. Ainda, segundo Batóreo (2000), o locativo **aqui** é um elemento de granularidade fina, pois seu uso se refere a um espaço próximo do emissor. Essa característica justifica o uso do aglutinado **daqui** como articulador lógico em (26), pois ele reitera a informação antecedente e, juntamente com o verbo *vir*, prepara o leitor para a próxima informação a ser veiculada.

A partir do exemplo (26), verificamos que o uso dos locativos em certos contextos específicos e ao lado de certos constituintes, como o verbo *vir*, passam a compor um todo de sentido e forma, articulando um novo sentido, unitário e indecomponível (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001). Nesses casos, levamos em conta também o gênero analisado, pois julgamos que o alto índice dessas expressões, exprimindo sentidos mais virtuais e abstratos, deve-se ao fato de que selecionamos obras de cunho opinativo, nas quais os autores buscam persuadir o leitor através de menção bíblica ou citações renomadas como forma de exemplificar seu posicionamento crítico e fundamentar sua estratégia argumentativa.

Todavia, nos séculos XIX e XX, com o declínio de frequência da expressão **daqui vem** nos *corpora*, notamos queda do uso dos locativos como elementos abstratos textuais e a manutenção do grande número de locativos referindo-se a espaços virtuais, conforme ilustram os trechos abaixo:

(27) “*As duas tragédias do Sr. Dr. Magalhães merecem, apesar das imperfeições que nos parece haver nelas, uma apreciação mais detida e aprofundada. Em todo o caso, o nosso pensamento **aí** fica expresso e claro, embora em resumo.*” (Críticas, p.09).

(28) “ ‘*Um português que é só português não é português*’. Sob a fórmula paradoxal, Pessoa, **aqui**, como em muitos outros domínios, ecoa uma caracteriologia célebre de Oliveira Martins”. (Nós e a Europa ou as duas razões, p.14).

A partir dos fragmentos (27) e (28) e das sincronias analisadas, grande parte dos locativos fazem referência a espaços virtuais, ilustrando alguma crítica pertinente à obra. Em (27), o locativo **aí** aponta para o próprio texto como mantenedor do pensamento autoral. O mesmo ocorre em (28), em que o locativo **aqui** faz referência ao pensamento de Pessoa localizado no texto.

Contudo, em determinados casos, não há uma definição exata do espaço referido pelo locativo. A esses contextos híbridos, que se localizam entre o sentido físico concreto e físico virtual, denominamos categoria intermediária, conforme mostram os exemplos (29) e (30):

(29) “*Os que se querem apartar deste uso, declinam para outro extremo vicioso, que é a afectação, e não buscam senão palavras grandes e sonoras - sesquipedaliaverba -, com as quais atroam os ouvintes ou leitores. E **daqui** então nasce aquele estilo ridículo, que tanto dominou nos séculos da ignorância, e hoje em Itália chamamos estilo do século XVI.*(Verdadeiro Método de Estudar, p.171).

(30) “ *De qualquer forma, **daí** nasceu o mais extenso poema da nossa literatura, o terrível Colombo, paquiderme de quarenta cantos, obra principal onde se compendiam os seus muitos defeitos e poucas qualidades (1866).*” (Formação da Literatura Brasileira, p.71).

Nos trechos (29) e (30) identificamos usos dos locativos em contextos mais abstratos e indefinidos fisicamente. Neles, podemos atribuir aos locativos **daí** e **daqui** a função conectiva adicional, uma vez que esses elementos funcionam como organizadores da estrutura textual. Ademais, conforme os exemplos (29) e (30), os

locativos com função coesiva encontram-se sempre em início de oração. Desse modo, verificamos não somente a ordenação como favorecedora do processo de gramaticalização, mas também ilustramos o *continuum* advérbio > conector e a convivência dos locativos com seus demais usos encontrados na língua portuguesa contemporânea.

Além disso, em (29) e (30), os aglutinados iniciam a oração e estão antepostos ao verbo *nascer*; em (29), o locativo **daqui** antecede a partícula *e*. Em ambos os exemplos, não há exatidão na definição da referência, uma vez que esta se torna ambígua, pois oscila entre o espaço físico virtual, o temporal e o textual. Em (29), o aglutinado **daqui** pode ser interpretado como um espaço virtual, ou seja, como a própria obra analisada ou como um aspecto temporal, indicando sucessão de acontecimentos. Entretanto, em (30), o aglutinado **daí** tende a sentido temporal ou abstrato textual, isto é, um conector textual. A partir desta última referência, podemos atestar a trajetória de gramaticalização advérbio > conector, dado que esse indicador aponta a mudança linguística ainda em estágio inicial.

5.3. FÓRICOS

O resultado da análise do fator *foricidade* leva em conta como motivação principal o contexto pragmático-discursivo dos *corpora* em análise. De acordo com Oliveira (2007), a escolha e uso de certos recursos gramaticais, como os locativos, estão subordinados ao gênero discursivo articulado e às sincronias estudadas. O levantamento dos dados evidencia a prevalência da função anafórica no uso dos locativos, indicando relação estreita entre a função anafórica e o gênero opinativo, conforme constatado pela Tabela 3:

TABELA 3: FORICIDADE DOS LOCATIVOS NOS *CORPORA*

| | Anafórico | | | Catafórico | | | Exofórico | | | TOTAL |
|--------------|------------|---------|--------|------------|---------|--------|-----------|---------|--------|------------|
| | Séc XVIII | Séc XIX | Séc XX | Séc XVIII | Séc XIX | Séc XX | Séc XVIII | Séc XIX | Séc XX | |
| Cá | 2 | 1 | 1 | 0 | 4 | 0 | 0 | 0 | 0 | 8 |
| (D) aqui | 96 | 26 | 12 | 6 | 7 | 1 | 19 | 9 | 1 | 177 |
| Lá | 17 | 11 | 5 | 0 | 2 | 1 | 4 | 4 | 0 | 44 |
| (D) aí | 0 | 17 | 13 | 0 | 4 | 2 | 0 | 0 | 2 | 38 |
| (D) ali | 26 | 22 | 2 | 0 | 6 | 0 | 0 | 5 | 0 | 61 |
| Total | 141 | 77 | 33 | 6 | 23 | 4 | 23 | 18 | 3 | 328 |
| Total | 251 | | | 33 | | | 44 | | | 328 |

A partir dos dados apresentados na Tabela 3, verificamos a predominância dos locativos na função anafórica em todas as sincronias analisadas. Se levarmos em consideração que o texto de cunho crítico é marcado pelos questionamentos e posicionamentos do autor em relação aos sentimentos e às condutas da sociedade, constatamos que a reiteração constante dos espaços virtuais no texto através da função anafórica se torna necessária para induzir a opinião do leitor a favor do autor, como mostram os fragmentos a seguir:

(31) “*Mas o Bluteau, nesta matéria, deixou-se guiar por alguns prejuízos. Dizer que o til é risco, e não letra, é o mesmo que não dizer nada. O certo é que este risco faz que eu pronuncie um n demais que as letras que **ali** vejo; onde, chamem-lhe como quiserem, é um verdadeiro n. (Verdadeiro Método de Estudar, p.69).*”

(32) “*A alta comédia apareceu logo depois, com O Demônio Familiar. Essa é uma comédia de maior alento; o autor abraça **aí** um quadro mais vasto. O demônio da comédia, o moleque Pedro, é o Fígaro brasileiro, menos as intenções filosóficas e os vestígios políticos do outro.*” (Críticas, p. 11).

(33) “*Um português que é só português não é português*’. Sob a fórmula paradoxal, Pessoa, **aqui**, como em muitos outros domínios, ecoa uma caracteriologia célebre de Oliveira Martins”. (*Nós e a Europa: ou as duas razões*, p.14).

Em (31), o locativo **ali** retoma o sintagma *nesta matéria*. O uso do locativo se encontra em função anafórica, sendo utilizado na coesão textual. Ademais, o uso desse locativo indica não somente estratégia de progressão referencial (KOCH, 2011) através da construção de uma cadeia referencial, por meio da qual se procede a recategorização discursiva do referente (*nesta matéria*) pelo uso do pronome (**ali**), mas também uma maneira de o autor utilizar o referente na elaboração de um discurso persuasivo, uma vez que esse elemento se torna imprescindível para o desenvolvimento da sua argumentação. O locativo **ali** enfatiza o local onde a palavra é grifada erroneamente, sendo essencial para a crítica em relação ao alfabeto fonológico da língua portuguesa na época.

O mesmo ocorre no trecho (32), em que o locativo **aí** também tem função anafórica, pois faz remissão à obra *O Demônio Familiar*. No trecho (33), o locativo **aqui** também reitera a obra pessoana, na qual o autor se questiona sobre o verdadeiro sentimento de identidade portuguesa no contexto europeu. Um fator comum nos exemplos (31), (32) e (33) se refere à *granulidade*, proposta por Batóreo (2000). Com base nesse parâmetro, a tríade **ali**, **aí** e **aqui** se encontra no subsistema de granulidade fina ou estreita, uma vez que os locativos indicam um espaço com maior precisão e pontualidade, conforme observado nos exemplos anteriormente citados, de (31) a (33).

Outro aspecto relacionado ao grande número de locativos com função anafórica, principalmente no século XVIII, deve-se à grande frequência da expressão **daqui vem**. O uso mais abstrato e anafórico do locativo **daqui** nessas expressões é considerado como fator motivador da sua gramaticalização como conector, passando da classe adverbial para funcionar como articulador de sentido lógico, como destacamos nos exemplos abaixo:

(34) “*As leis primitivas, que ainda antes de serem gravadas em mármore, e em tábuas, foram, e estão escritas nos corações, essas são as primeiras, que segundo as contingências, para se não guardarem, se interpretam. **Daqui vem** que nascendo todos*

livres, a liberdade é contra quem os homens têm conspirado mais.(Reflexão sobre as vaidades dos homens, p.102).

(35) “*O ph dos Gregos era um p aspirado com muita força e que alguma coisa declinava para f; e, não havendo em Portugal semelhante pronúncia, é erro introduzir o dito p, quando temos cá o f, que tem o seu próprio soído. **Daqui vem** que, ainda que Filozofia, Triunfo [etc.](#), na sua origem tivessem o ph,(Verdadeiro Método de Estudar, p.57)”*

Tanto em (34) quanto em (35), o uso da expressão **daqui vem** funciona como articulador macroestrutural do texto. Dessa maneira, observamos que o locativo com função de conector textual tende a assumir posição pré-verbal, uma vez que seu uso ocorre em início de oração. Ademais, seu uso cria uma relação lógica entre informação prévia e outro novo assunto a ser introduzido. Dentre os 96 casos do locativo **daqui vem** com função anafórica no século XVIII, 46 dados são encontrados na expressão **daqui vem** com os mesmos usos verificados nos exemplos (34) e (35).

Em contrapartida, encontramos poucos casos de locativos com referências catafórica e exofórica. Como explicitado anteriormente, a predominância de referência anafórica está intimamente ligada ao gênero textual abordado. Dessa forma, nos materiais analisados, poucos locativos são utilizados de forma catafórica ou exofórica, dado que as críticas e julgamentos feitos nas obras são encontrados na própria obra e utilizados como fundamentação do raciocínio autoral. Assim, os poucos casos de locativos com referência catafórica ou exofórica comprovam o esvaziamento semântico dos mesmos, conforme ilustrado nos exemplos (36) e (37):

(36) “*É isto, este nasce em Paris, ou, o que significa o mesmo, num campo bem limpo da Suécia. Logo Mestres lhe rodeiam o berço; todas as civilizações estão lá na biblioteca paterna”*. (Nós e a Europa: ou as duas razões, p.139).

(37) “*Pois o ideal conhece lá fronteiras?*”. (Segundo Livro de Críticas, VIII Parenthesis- no.49- 7º parágrafo).

Em (36), o locativo **lá** está anteposto ao sintagma de lugar *na biblioteca paterna*, em função catafórica. Segundo Paiva (2003) e Paiva e Braga (2012), quando o locativo **lá** se antepõe ao sintagma preposicionado de referência espacial, ocorre um processo de reforço, uma vez que locativos se desbotam semanticamente e perdem a capacidade de expressar lugar. Assim, funcionam apenas como sinalizadores da circunstância do sintagma preposicional. Ainda, consoante Paiva (2003), o processo de perda da referência dêitica e o aumento da função textual resulta na migração do locativo **aí** do âmbito lexical para o gramatical. Por outro lado, em (37), o locativo **lá** é empregado de forma exofórica, uma vez que, na obra, não há menção do apontamento desse locativo para o espaço externo, relativo ao contexto pragmático apresentado.

5.4. COGNITIVOS

Nessa última variável, analisamos o enquadramento de todos os constituintes da cláusula na qual o pronome locativo está inserido. Verificamos não somente a base (não) espacial do locativo, mas também a dos elementos que integram o *frame* e as implicações dessa relação. Nos materiais pesquisados, os resultados indicam a predominância do *frame* não espacial, conforme mostra a Tabela 4:

TABELA 4: *FRAME DOS LOCATIVOS NOS CORPORA*

| | Espacial | | | Não-espacial | | | TOTAL |
|--------------|-----------|---------|--------|--------------|---------|--------|------------|
| | Séc XVIII | Séc XIX | Séc XX | Séc XVIII | Séc XIX | Séc XX | |
| Cá | 1 | 1 | 0 | 1 | 4 | 1 | 8 |
| (D) aqui | 5 | 1 | 0 | 116 | 41 | 14 | 177 |
| Lá | 1 | 2 | 0 | 20 | 15 | 6 | 44 |
| (D) aí | 0 | 1 | 0 | 0 | 20 | 17 | 38 |
| (D) ali | 6 | 2 | 1 | 20 | 31 | 1 | 61 |
| Total | 13 | 7 | 1 | 157 | 111 | 39 | 328 |
| Total | 21 | | | 307 | | | 328 |

A Tabela 4 mostra a tendência aos *frames* não espaciais envolvendo os locativos nas fontes pesquisadas. Dos 328 casos encontrados, 307 constituem-se no *frame* não espacial. Ademais, observamos que essa tendência está presente nos cinco locativos. Dessa maneira, podemos afirmar que, como os autores julgam e criticam as diversas formas de artes e sentimentos humanos, a maioria dos locativos exerce função não espacial devido à própria natureza crítica do gênero opinativo, como mostram os exemplos (38), (39) e (40), em torno do locativo **aqui**:

(38) “*Comummente avisarei quais são os herejes, para que não se leiam sem licença devida. Mas, se acaso me esquecer então adverti-lo, aqui o advirto para sempre. (Verdadeiro Método de Estudar, p.25).*”

(39) “*Nesse trabalho, considera-se um aspecto algo diverso do que abordamos aqui*”. (Segundo Livro de Crítica, nota de rodapé, p.37)

(40) “*(...) , realizada pelos artistas que vão à Itália estudar-nos ou com os grandes mestres e pelos que do norte veem viajar ou estabelecer-se aqui.*” (Segundo Livro de Crítica, VIII Um parenthesis- no. 59- 3º. Parágrafo).

(40) “ Não vou discutir **aqui** se a realidade de uma nação com oito séculos de existência é compatível com o insólito conceito de ‘acidente histórico’, quer dizer, com a ideia de existência precária, contingente ou injustificável.” (*Nós e a Europa: ou as duas razões*, p.17).

Em (38) e (39), o locativo **aqui** participa de um *frame* não espacial, uma vez que se relaciona com os verbos *advertir* e *abordar*, de sentido cognitivo. Entretanto, em (40), o locativo integra uma cláusula de *frame* espacial, dado que o mesmo se liga ao verbo *estabelecer*, de natureza locativa, quando usado com o sentido de fixar residência. Outra característica predominante no *frame* espacial se refere ao caráter humano e agentivo do sujeito da ação (TRAUGOTT; DASHER, 2005), que, em (40), é *grandes mestres escritores*.

Ademais, os resultados da Tabela 4 revelam estabilidade dos *frames* nas sincronias estudadas, uma vez que grande parte dos locativos tendem ao enquadramento não espacial, conforme ilustram os exemplos (41) e (42):

(41) “Os vícios **lá** parece que dependem da fortuna; porque as ilusões que os homens idolatram, não têm igual estimação em toda a parte.” (*Reflexão sobre as Vaidades dos homens*, p.77).

(42) “O epílogo da peça é o casamento de Carolina; mas quem vê **aí** sua reabilitação moral? Casamento quase clandestino, celebrado para proteger uma menina, filha dos erros de uma união sem as doçuras de amor nem a dignidade de família, é isto acaso um ato de regeneração?” (*Críticas*, p.14).

No trecho (41) o locativo **lá** integra uma cláusula de *frame* não espacial, pois, além de estabelecer relação com o verbo cognitivo *parecer*, a ocorrência desse *frame* se relaciona com sujeito não agentivo e não humano, indicado nesse exemplo pelo sintagma *os vícios*. Da mesma forma, em (42), o locativo **aí** participa de *frame* não espacial, uma vez que a leitura do sentido do locativo se estabelece pelo contexto da oração anterior, remetendo ao epílogo da peça.

Assim, verificamos que a tendência ao uso de locativos em *frames* não espaciais nos materiais pesquisados assinala uma característica do gênero opinativo, tal

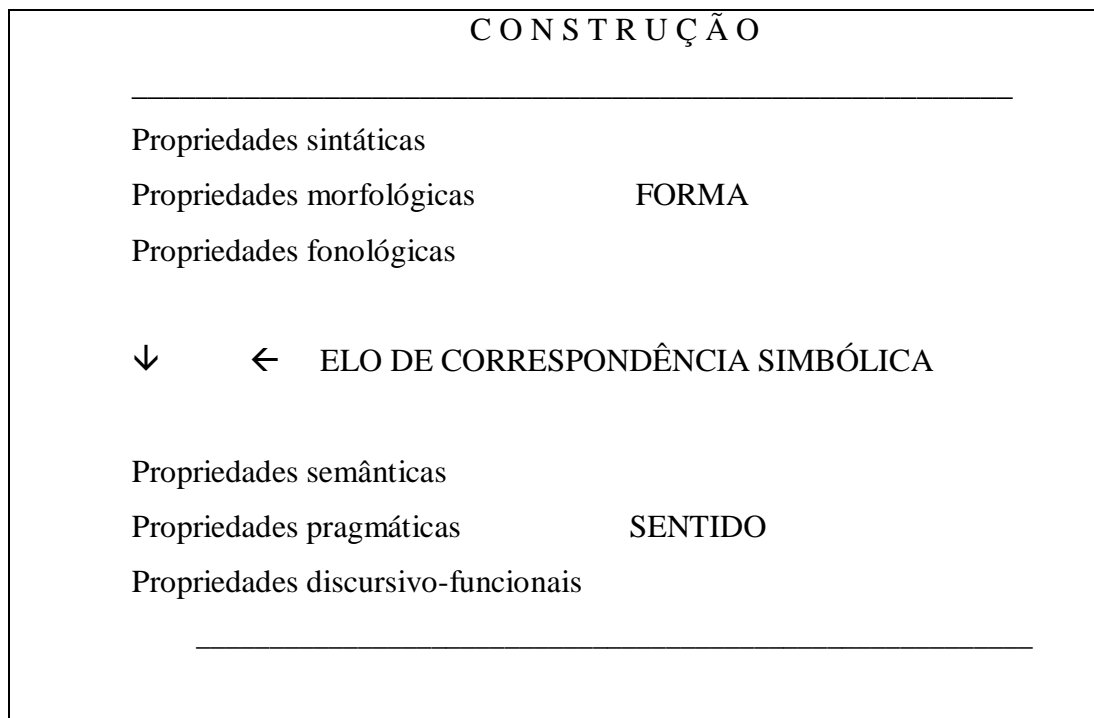
como a predominância de locativos com função anafórica. Como as obras desse gênero possuem caráter avaliativo e, em alguns casos, persuasivos, os *frames* físicos se tornam mais presentes, dado que os autores fazem alusões a referentes e sentidos abstratos para corroborar seu ponto-de-vista e influenciar a opinião do leitor. Dessa maneira, observamos novamente a ligação entre a dimensão discursivo-pragmática e a gramatical, na interpretação e na análise dos usos linguísticos.

6. AS EXPRESSÕES “DAQUI VEM” E SUAS CORRELATAS

Um dos objetivos de nossa pesquisa se refere à verificação do processo de gramaticalização dos locativos nos materiais estudados. Nesse contexto, entendemos por gramaticalização o processo no qual um item lexical assume funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções mais gramaticais (MARTELOTTA, 2011). Ainda, de acordo com Martelotta (2011: 92), “ Os elementos, com o processo de gramaticalização, perdem a liberdade típica da criatividade contextualmente motivada do discurso e tornam-se mais fixos e mais regulares. Assim, advérbios de lugar assumem função de conjunção e não vice-versa, (...)”.

Embora nossa pesquisa trate especificamente da trajetória de gramaticalização dos locativos, verificamos que, em determinados contextos de uso, o processo de gramaticalização ocorre em expressões com maior nível de complexidade composicional. Partindo da abordagem teórica cognitivista (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001) e juntamente da teoria da gramaticalização (HOPPER; TRAUGOTT, 2003; TRAUGOTT, DASHER; 2005), consideramos item que se gramaticalizou no contexto de um determinado padrão construcional.

Segundo Goldberg (2006:05) a construção gramatical é definida como “um par forma-significado, sendo que não se pode predizer algum aspecto da forma ou do significado a partir das partes componentes da construção ou de outras construções previamente estabelecidas”, ou seja, a construção é definida pelo pareamento entre forma-função e o seu significado não pode ser definido pela soma de seus elementos. Ao propor a noção de construção como um pareamento entre forma-função, Goldberg (2006) vai ao encontro da perspectiva construcional postulada por Croft (2001:18), conforme ilustra o esquema abaixo:



O esquema contempla todos os níveis de uso de uma construção, tanto relacionados às suas propriedades formais quanto às suas propriedades referenciais. O modelo destaca os componentes fonológicos, morfológicos e sintáticos formadores das construções e os correlaciona com as situações enunciativas, as propriedades do discurso e as situações pragmáticas que implicam os interlocutores e o contexto. Assim, a relação entre forma e sentido convencional torna-se interna à construção, justificando a existência de padrões de uso específicos em cada língua.

Como encontramos, no desenvolvimento da pesquisa, uma grande frequência da expressão **daqui vem**, desenvolvemos esse capítulo a partir do interesse em estudar e interpretar arranjos desse tipo integrados por locativos. Para tanto, levamos em consideração os aspectos semânticos, sintáticos e discursivo-pragmático, bem como os elementos que os constituem, a posição na oração e o *frame* de referência do qual participam. Dessa forma, no material analisado, encontramos 54 casos, que se distribuem em:

- *Reflexão sobre as Vaidades dos homens* (século XVIII) = trinta e cinco casos da construção **daqui vem**; três casos de **daqui procede** e um caso de **daqui resulta**;

- *Verdadeiro Método de Estudar* (século XVIII) = cinco casos de **daqui vem**, três casos de **daqui resulta**, três casos de **daqui fica claro**, dois casos de **daqui (então) nasce**;

- *Críticas* (século XIX) = um caso de **daqui vem** e um caso de **daqui origina-se**;

A partir do levantamento e análise dessas expressões, consideramos que funcionam como conectores textuais, excetuando-se **daqui a pouco**, exprimindo função temporal. Nos dados encontrados, não analisamos os poucos casos de ocorrência de **daqui a pouco**, uma vez que nosso projeto interpreta somente arranjos verbais. Com base nos comentários, seguem os exemplos (43), (44) e (45):

(43) *“Os que se querem apartar deste uso, declinam para outro extremo vicioso, que é a afectação, e não buscam senão palavras grandes e sonoras - sesquipedaliaverba -, com as quais atroam os ouvintes ou leitores. E **daqui então nasce** aquele estilo ridículo, que tanto dominou nos séculos da ignorância, e hoje em Itália chamamos estilo do século XVI.(*Verdadeiro Método de Estudar*, p.171).*

(44) *“Julgamos pelo que vemos, e pelo que ouvimos: estes sentidos são em nós, como dous relatores injustos, falsos, infieis; **daqui resulta**, que quando o querer é culpa, essa culpa não é nossa, mas sim da fermosura que nos move, e que nos prende.(*Reflexão sobre as Vaidades dos homens*, p.95).*

(45) *“No princípio dos nossos desgostos, a razão não serve para diminuí-los, para exasperá-los sim; porque como em nós tudo é vaidade, também a nossa razão não é outra cousa mais do que a nossa mesma vaidade. Sente a razão o que a vaidade sente, e quando vimos a sentir menos, é por cansados, e não por advertidos. **Daqui vem**, que as mais das vezes devemos os nossos acertos menos à vontade, do que à nossa fraqueza; devemos a nossa moderação menos ao discurso, do que à nossa própria debilidade.(*Reflexão sobre as Vaidades dos homens*, p.19).*

Em (43), (44) e (45), as expressões destacadas funcionam como conectores lógicos, uma vez que organizam o plano macroestrutural do texto, fazendo uma ligação entre um novo assunto e uma informação prévia. Dessa forma, os exemplos (43), (44) e

(45) ratificam a afirmação feita por Goldberg (1995), a partir da qual o sentido da construção não se determina pela soma de sentido das partes que a compõem. Em (43), como o elemento *então* se situa entre o locativo e o verbo, consideramos esse padrão menos entrincheirado e fixo do que **daqui vem**. Embora, em nossos *corpora*, encontremos poucos casos da expressão **daqui então nasce**, podemos verificar que a presença ou não desse elemento no meio do sintagma não altera a função conectiva da expressão, uma vez que o sentido da expressão não é constituído simplesmente pela soma das partes. Ainda, no fragmento (43), devido à própria semântica do verbo *nascer*, podemos verificar uma outra leitura acerca da expressão **daqui (então) nasce**. Em (43), essa expressão também possui um aspecto temporal, indicando o momento exato da criação ou utilização de vocábulos para uma melhor entoação das palavras.

Já em (44) e (45), registramos as construções totalmente entrincheiradas, pois, entre as partes que constituem a expressão, não surgem elementos. Nos *corpora* estudados, verificamos que o uso dessas expressões ocorre em posição inicial da oração ou após longa pausa, esta, por sua vez, indicada pelo uso da vírgula ou ponto e vírgula. Nesses casos, tais expressões servem como conectores textuais, uma vez que recuperam elementos apresentados anteriormente e, ao mesmo tempo, organizam os acontecimentos textuais num *continuum* temporal, indicando, em muitos casos, relação de causa e consequência; conforme em (43), (44) e (45).

Outro aspecto importante refere-se à semântica dos verbos que constituem esses padrões. No exemplo (45), a semântica do verbo *vir* articula sentido de deslocamento entre dois pontos, recobrando alguma informação prévia. Ademais, como o verbo é mais “leve”, confere maior união dos elementos da construção. Conforme observado nos materiais de pesquisa, a expressão **daqui vem** torna-se a primeira a funcionar como elemento conectivo no século XVIII, e, a partir dela, outras expressões, tal como aponta o exemplo (44), são utilizadas com a mesma função. Desse modo, verificamos que certas expressões, na qual o verbo possui semântica semelhante ao verbo *vir*, são utilizadas também como elementos de organização textual.

Assim, de acordo com a pesquisa, verificamos que o número dessas expressões diminui no decorrer dos séculos, ou seja, os dados apontam que essas expressões encontram-se mais facilmente em sincronias antigas da língua portuguesa. Portanto, com o declínio dessas expressões e a mudança da tendência de ordenação dos locativos

de pré para pós-verbal, corroboramos a hipótese de que, no português contemporâneo, a posição protípica dos locativos tende a ser pós-verbal.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no levantamento e na análise dos pronomes locativos em textos opinativos do século XVIII ao século XX, verificamos os resultados indicadores das tendências gerais e específicas. Dessa forma, a partir do tratamento funcional desses locativos, buscamos uma abordagem holística que engloba as três dimensões analisadas em nossa pesquisa: o ambiente sintático, o sentido articulado e as motivações pragmático-discursivas.

Como padrão geral, julgamos que a grande quantidade de ordenações pós-verbais nos séculos XIX e XX ratifica os resultados obtidos em outras pesquisas sobre locativos em diferentes gêneros (OLIVEIRA, 2007, 2008; BARCELLOS, 2011, VALADARES, 2011). A tendência do posicionamento pré-verbal dos locativos no século XVIII corrobora nossa hipótese de que, ao longo das sincronias do português, esses elementos encontram-se em trajetória de mudança da ordenação. Assim, os resultados da pesquisa corroboram não somente o deslocamento da posição pré > pós-verbal do locativo, mas também a fixação da ordenação pós-verbal contemporânea dos mesmos no português. Essa tendência geral ratifica os estudos feitos acerca dos locativos que são desenvolvidos pelo Grupo Discurso & Gramática na UFF.

Outra tendência da pesquisa acerca dos advérbios se refere ao predomínio da ordenação pré-verbal do locativo **aqui** no século XVIII, em expressões mais fixas, sintática e semanticamente. Dessa maneira, tal resultado comprova não somente o estudo da abordagem centrada no uso, mas também indica as contribuições de outras correntes teóricas recentes, como a de Goldberg (1995, 2006) e de Croft (2001), em torno da abordagem construcional para as expressões linguísticas. Ademais, observamos o declínio dessas expressões nos séculos seguintes e a mudança de ordenação dos locativos, tendendo ao uso pós-verbal. Essa tendência ratifica a ordenação do locativo no português contemporâneo em posição pós-verbal como elemento não-marcado.

Como marcas específicas do uso dos locativos no gênero opinativo, citamos a maior ocorrência dos locativos **aqui** e **ali**, na marcação dos espaços autores e leitores das obras literárias. Além do tratamento quantitativo na pesquisa funcionalista,

constatamos que a tendência à referenciação virtual dos locativos possui estreita relação com a marcação de espaços não delimitados geograficamente, uma vez que esses constituintes, na maioria dos casos, referem-se à críticas, julgamentos autorais.

O maior uso da função endofórica também se encontra diretamente ligado à escolha do gênero opinativo. No desenvolvimento do raciocínio do autor, os locativos tendem a funcionar como apontamentos a locais mais abstratos e julgamentos que foram previamente mencionados pelo mesmo, isto é, os locativos são utilizados como elementos anafóricos, retomando as críticas autorais. Ainda, de acordo com os *corpora* analisados, encontramos a maior articulação do *frame* não-espacial. Nos materiais interpretados, o enquadramento não-espacial é um traço distintivo, uma vez que os autores fazem alusões a referentes mais abstratos a fim de persuadir os leitores.

Constatamos que o tratamento funcional desses elementos se constitui numa tarefa rica e complexa, pois essa análise abarca fatores de diversas naturezas, tais como: sintaxe, pragmática, semântica, cognição, entre outros. Portanto, na análise dos advérbios locativos, devemos considerar aspectos gerais e específicos.

8. BIBLIOGRAFIA

AZEREDO, J.C. de. 2004. *Fundamentos de Gramática do Português*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

BATORÉO, H. 2000. *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.

BECHARA, Evanildo. 1999. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna.

BRAGA, Maria Luiza e PAIVA, Maria da Conceição. 2003. Do advérbio ao clítico é isso aí. IN: RONCARATI, C. e ABRAÇADO, J. (org). *Português brasileiro – contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, p. 206-212.

BYBEE, J. e HOPPER, P. (org). 2001. *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

CAMARA, Jr, J. Mattoso. 1975. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.

CAMARA Jr, J. Mattoso. 2006. *Estrutura da língua portuguesa*. 34ª Edição. Petrópolis: Vozes.

CANDIDO, Antônio. 19XX. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos (1836-1880)*. 3ª Edição. São Paulo: Martins.

CASTILHO, A.T. de. 2010. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto.

CRHISTIANO, M.E.A.; SILVA, C.R.; HORA, D.da. 2004. *Funcionalismo e Gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Idéia.

CROFT, W. 2001. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press.

CUNHA, C. F. da; CINTRA, L. F. L. 2001. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7ª Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

CUNHA, M. A. F. da; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. *Pressupostos teóricos fundamentais*. In: CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (Org.). 2003. *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Faperj : DP&A.

ELIA, Sílvia. 2003. *Fundamentos histórico-lingüísticos do português do Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna.

ERMAN, B; WARREN, B. 2000. The idiom principle and the open choice principle. IN: *Linguistic – an interdisciplinary journal of the language sciences*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, no. 2, p. 29-62.

FAUCONNIER, G. 1997. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press.

FERRARI, L. 2011. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica, OLIVEIRA, Mariangela Rios de e MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). 2003. *Linguística Funcional: Teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A Editora.

GIVÓN, T. *On Understanding Grammar*. 1979. New York: Academic Press.

_____. 1990. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins.

_____. 1995. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing.

_____. 2001. *Syntax: an introduction*. Vol. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

_____. 2005. *Context as other minds: the pragmatics of sociality, cognition and communication*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

GOLDBERG, A. E. 2006. *Constructions at work: the nature of generalization in language..* Oxford: Oxford University Press.

_____. 1995. *A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago/ London: The University of Chicago Press.

GONÇALVES, Sebastião Carlos L; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (orgs.). 2007. *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola.

HEINE, B. 2003. Grammaticalization. In: JOSEPH, B. D; JANDA, R. D. *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell.

HEINE, B; CLAUDI, U; HUNNEMEYER, F. 1991. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press.

HOPPER, P.1991. On Some Principles of Grammaticization. In: TRAUGOTT, E; HEINE, B. (ed). *Approaches to Grammaticalization*. v. 1. Amsterdam: Philadelphia, p. 17-36.

HOPPER, P. J; TRAUGOTT, E. C. 2003. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.

ILARI, R. *et alii*. 1989. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Gramática do português falado: a ordem*. Vol. I. São Paulo: Editora da UNICAMP/ FAPESP.

LIMA-HERNANDES, M. C. 2009. Estudos sobre gramaticalização: objetos, métodos e problemas. In: OLIVEIRA, M. R. de e ROSÁRIO, I. da C. do (Orgs.). *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Leo Chirstiano Editorial.

LOURENÇO, Eduardo. 1988. *Nós e a Europa: ou as Duas Razões*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

KOCH, Ingedore Villaça. 1990. *Coesão textual*. 2ª ed. São Paulo: Contexto.

KOCH, Ingedore Villaça. 2011. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Ed. Cortez.

MACEDO, A.T. de; RONCARATI, C; MOLLICA, M.C (Orgs.). 1996. *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. 2002. *Gêneros Textuais: o que são e como se constituem*. Recife: UFPE.

MARCUSCHI, Luis Antônio. 2003. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática.

MARTELOTTA. Mário, VOTRE, Sebastião e CEZARIO, Maria Maura. 1996. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

MARTELOTTA, M. et alii. 2008. *Manual de Lingüística*. São Paulo: Contexto.

MARTELOTTA, M. E; PROCESSY, W; SANTOS, M. N. dos. 2008. Ordenação de advérbios no latim clássico e no latim medieval. In: *Cadernos de Letras da UFF*. Niterói: UFF, p. 49-59.

MARTELOTTA, M.E. 2011. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez.

MARTELOTTA, M.E.; VOTRE, Sebastião J.; CEZARIO, Maria Maura. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Disponível em: http://www.discursoeagramatica.letras.ufrj.br/download/publicacao_livro_gramaticalizacao.pdf . Acesso em: 01 de novembro de 2012.

MELO, Jose Marques de. 2003. *Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3. ed. Campos de Jordão, RJ: Editora Mantiqueira.

MORAES, Jorge Viana de. 2008. *Limites entre jornalismo e literatura*. Especial para a Página 3 Pedagogia & Comunicação.

NEVES, Maria Helena. 2000. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. da UNESP.

NEVES, M.H. 2004. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Fontes.

NÓBREGA, M.H. 2000. *Análise funcional dos advérbios e adverbiasi modoalizadores no texto jornalístico*. Dissertação de Doutorado, FFLCH/ USP.

OLIVEIRA, Mariangela Rios e ROSÁRIO, Ivo (org). 2009. *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial.

OLIVEIRA, Mariangela R. de. 2009. A trajetória de gramaticalização advérbio > clítico no uso dos pronomes aí, ali, aqui e lá. In: OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do (Orgs.). *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Leo Chirstiano Editorial.

OLIVEIRA, Mariangela R. de. 2008. Advérbios locativos no português escrito dos séculos XVIII, XIX – padrões de uso e mudança gramatical. IN: LIMA-HERNANDES, Maria Célia. et alii (org). *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo: EDUSP, p.19.

OLIVEIRA, Mariangela R. de. 2008. *Advérbios locativos no português escrito em perspectiva histórica*. IN: MAGALHÃES, José Sueli de e TRAVAGLIA, Luiz Carlos (org). *Múltiplas Perspectivas em Linguística*. Edufu, Uberlândia.

OLIVEIRA, Mariangea R. de; CEZARIO, Maria Maura (orgs). 2012. *Adverbiais: aspectos gramaticais e pressões discursivas*. Niterói, RJ: Editora da UFF.

PALMER, G. 1996. *Toward a theory of cultural linguistics*. Austin: University of Texas Press.

REGO, F.G. do. 1984 *Jornalismo Empresarial: Teoria e prática*. 4ª Edição. São Paulo: Summus, 1984.

REVISTA GRAGOATÁ. REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS. USOS LINGÜÍSTICOS, NÚMERO 21. Niterói: EdUFF, 2006.

RONCARATI, Cláudia. 2010. *AS CADEIAS DO TEXTO: contruindo sentidos*. São Paulo: Ed. Parábola.

SALOMÃO, Maria Margarida M.; MIRANDA, Neusa S. (Orgs.). *Construções do Português do Brasil: Da gramática ao discurso*. 2009. Belo Horizonte: UFMG.

SILVA E SILVA, Edna Inácio. 2002. *As tendências de ordenação do advérbio mal: uma abordagem diacrônica*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro.

SWEETSER, Eve. 1990. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press.

TRAVAGLIA, L.C. 1997. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez.

TRAVAGLIA, L.C. 1991. *Um estudo textual-discursivo do verbo português do Brasil*. 330 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade de Campinas, Campinas.

TRAUGOTT, Elizabeth-Closs e HEINE, Bernd. 1991. *Approaches to Grammaticalization: Focus on Theoretical and Methodological Issues*. Amsterdam: John Benjamins.

TRAUGOTT, Elizabeth-Closs. 2003. Constructions in grammaticalization. In: JOSEPH, Brian. D. e JANDA, Richard D. (eds.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing.

TRAUGOTT, Elizabeth-Closs e DASHER, Richard. 2005. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press.

TRAUGOTT, Elizabeth-Closs. 2007. The concepts of constructional mismatch and type-shifting from the perspective of grammaticalization. In: *Cognitive linguistics* vol. 18-4 Berlin-New York: Mouton de Gruyter, p. 523-557.

VILELA, Mário. 1994. A “cena” da “ação linguística” e a sua perspectiva por dizer e falar. *Revista da Faculdade de Letras “LÍNGUAS E LITERATURAS”*, Porto, v.XI, p.65-97.